

Gertrudes Diara Sprânger Evangelista

# **PERCEÇÃO DO FUNCIONAMENTO E RESILIÊNCIA FAMILIAR**

**Estudo Exploratório com Migrantes de Língua Oficial  
Portuguesa a Residir em Portugal**



ESCOLA SUPERIOR DE ALTOS ESTUDOS

**Mestrado em Psicologia Clínica**  
Especialização em terapias familiares e sistémicas

COIMBRA, 2022

**PERCEÇÃO DO FUNCIONAMENTO E RESILIÊNCIA FAMILIAR**  
**Estudo Exploratório com Migrantes de Língua Oficial Portuguesa a Residir em**  
**Portugal**

Gertrudes Diara Sprânger Evangelista

Dissertação Apresentada ao ISMT para Obtenção do Grau de Mestre em Psicologia  
Clínica Ramo de Especialização em Terapias Familiares e Sistémicas

**Orientadora:** Professora Doutora Joana Sequeira, Professora Auxiliar, ISMT

**Coimbra, outubro de 2022**

## **Agradecimentos**

Agradeço à Deus, que em sua infinita sabedoria colocou forças no meu coração para vencer essa etapa da minha vida. A fé no Senhor, sem dúvida ajudou-me a lutar até ao fim.

Agradeço às minhas mães Lina e Edna que encheram o meu coração de amor, esperança, e que me permitiram sonhar e sempre me deram colo. Também sou grata ao meu padrinho Miguel, que me acolheu e tem sido um pai, e me proporcionou as condições necessárias para que eu pudesse realizar o sonho de me formar.

Sou grata a todos os professores que contribuíram na minha trajetória académica, especialmente a professora Joana Sequeira, responsável pela orientação do meu projeto. Obrigada por esclarecer tantas dúvidas e ser tão atenciosa e paciente.

À minha avó Bibiana (em memória) que sempre foi uma amiga para mim, ela que foi e sempre será um símbolo de amor na minha vida, e que em algum lugar deve estar a vibrar com a minha vitória.

Aos meus amigos, que sempre me apoiaram e acreditaram em mim. Às minhas colegas de curso, em especial a Inês Pereira que sempre me apoiou em tudo e não deixou de responder uma única mensagem de desespero.

Sou muito grata também aos participantes, que perderam alguns minutos para responder ao meu questionário. Sem eles nada disso seria possível.

*A todos que cruzaram o meu caminho nesta jornada,*

*Obrigada!*

## Resumo

**Objetivo:** Estudar a percepção de adaptação, funcionamento e resiliência familiar em de migrantes de várias nacionalidades, de Países de Língua Oficial Portuguesa.

**Metodologia:** Participaram nesta investigação 168 sujeitos, dos quais 46 angolanos, 32 brasileiros, 31 cabo-verdianos, 30 guineenses e 30 moçambicanos, com idades compreendidas entre os 12 e os 65 anos. Os instrumentos utilizados foram o questionário de dados sociodemográficos, familiares e relativos ao processo de migração, a Family Adaptability and Cohesion Evaluation Scale IV (FACES-IV), o Walsh Family Resilience Questionnaire (WFRQ).

**Resultados:** Os participantes, independentemente da nacionalidade, percecionam o seu funcionamento familiar como equilibrado (Cluster 1) e elevada resiliência familiar. Os sujeitos Angolanos são os que percecionam melhor adaptação à migração (questões legais, trabalho/estudo, cultura, inserção social e língua) e os Brasileiros os que percecionam pior adaptação. Os participantes que vivem numa família acordeão percecionam pior satisfação familiar, em comparação com os que não são família acordeão. Os pais/esposos percecionam maior coesão familiar, em comparação com os sujeitos que ocupam outras posições familiares.

**Conclusão:** Este estudo permitiu concluir que os sujeitos das famílias de diferentes nacionalidades apresentam percepção de um funcionamento familiar coeso, flexível e evidenciam satisfação com as suas famílias. Percebem também as suas famílias como resilientes, e parecem dispor de recursos para enfrentar o seu contexto migratório.

As famílias acordeão poderão beneficiar de intervenção clínica, em contextos de maior stress, e esta deverá implicar o fortalecimento da *coesão*, entre os elementos e a promoção de padrões de funcionamento mais flexíveis, tendo em vista a promoção de uma maior capacidade de adaptação às circunstâncias específicas que enfrentam.

**Palavras-chave:** Migração funcionamento familiar, resiliência familiar, Adaptação

## **Abstract**

**Objective:** To study the perceptions of adaptation, functioning and family resilience of migrants from different nationalities, from Portuguese-speaking Countries, living in Portugal.

**Methodology:** A total of 168 subjects participated in this research - 46 Angolans, 32 Brazilians, 31 Cape Verdeans, 30 Guineans and 30 Mozambicans - aged between 12 and 65 years. The instruments applied were the sociodemographic, family and migration process data questionnaire, the Family Adaptability and Cohesion Evaluation Scale IV (FACES-IV), the Walsh Family Resilience Questionnaire (WFRQ).

**Results:** Regardless of nationality, participants, perceive their family functioning as balanced (Cluster 1) and having high family resilience. Angolans perceived the best adaptation to migration (legal issues, work/study, culture, social integration and language) and Brazilians perceived the worst adaptation. Participants who live in an accordion family perceive worse family satisfaction, compared to those who are not accordion family. Parents/spouses perceive greater family cohesion, compared to subjects occupying other family positions.

**Conclusion:** Subjects from families of different nationalities have a perception of a cohesive and flexible family functioning and they are satisfied with their families. participants also perceive their families as resilient and perceive to have resources to cope with their migratory context.

Accordion families might benefit from clinical intervention in contexts of greater stress. Intervention should promote strengthening of cohesion, between the members, internal and external support and promotion of flexible patterns of functioning, to increase adaptive capacity, when facing specific circumstances related to their structure and organization.

**Keywords:** Migration, family functioning, family resilience, adaptation

## Índice

<b>Introdução</b> .....	1
<b>Metodologia</b> .....	8
<b>Objetivos</b> .....	8
<b>Tipo de estudo</b> .....	9
<b>Procedimentos</b> .....	16
<b>Instrumentos</b> .....	16
<b>Questionário sociodemográfico e de dados complementares e relativos à situação familiar</b> .....	16
<b>Family Adaptability and Cohesion Evaluation Scale (FACES-IV)</b> .....	16
<b>Walsh Family Resilience Questionnaire</b> .....	19
<b>Análise Estatística</b> .....	20
<b>Resultados</b> .....	20
<b>Discussão dos resultados</b> .....	29
<b>Conclusões</b> .....	32
<b>Referências Bibliográficas</b> .....	33

## Introdução

A deslocação de indivíduos entre diferentes territórios associa-se à evolução da humanidade, embora as causas que a determinam tenham variado ao longo dos tempos. As migrações humanas constituem um fenómeno contínuo no cenário contemporâneo que se repercute em diversos âmbitos, social, económico e familiar (Becker e Borges, 2015).

Estudar o processo de funcionamento e resiliência familiares de sujeitos migrantes constitui o objetivo deste trabalho.

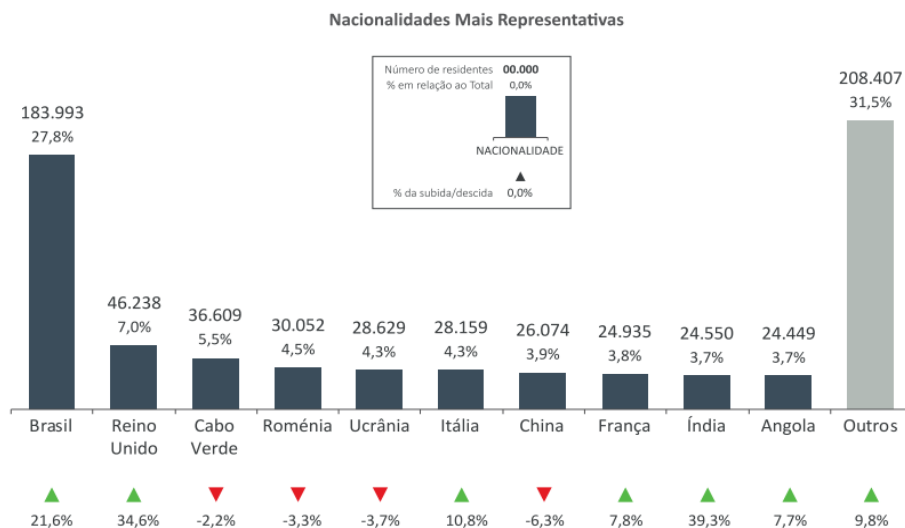
A globalização, o desemprego, as desigualdades económicas entre países, as guerras e os desastres naturais, representam os principais motivos para as migrações (Estrela, 2009). O movimento de populações é um fenómeno tão antigo como a humanidade, e a migração implica o confronto com variados stresses e a mobilização de processos adaptativos a múltiplos níveis – individuais, familiares e sociais (Franken et al., 2012).

De acordo com a *International Organization for Migration* – IOM (2021), uma em cada 30 pessoas são migrantes. A estimativa global atual é que havia cerca de 281 milhões de migrantes internacionais no mundo em 2020, o que equivale a 3,6 por cento da população global, 128 milhões mais do que em 1990, e mais de três vezes o número estimado em 1970.

As pessoas migram sozinhas ou em agregados organizados, por decisão própria ou por acontecimentos externos. A migração implica sempre romper com suas redes básicas de apoio, cortar laços com lugares e pessoas, equacionando um projeto de vida alternativo ao que existia no local e na cultura de origem do sujeito (Sluzki, 1979). A migração pode ser voluntária ou involuntária. No primeiro caso, algumas variáveis que determinam a decisão de migrar são planeadas e desejadas. A migração involuntária decorre de contextos hostis para a integridade das pessoas, como por exemplo, os refugiados que procuram afastar-se das guerras, conflitos, ou desastres ambientais (Martins-borges, 2013).

Em 2020 verificou-se, pelo quinto ano consecutivo, um acréscimo da população estrangeira residente em Portugal, com um aumento de 12,2% comparado a 2019, totalizando 662.095 cidadãos estrangeiros titulares de autorização de residência, valor mais elevado registado pelo SEF desde o seu surgimento em 1976. Este número diz respeito a pessoas estrangeiras, que deram entrada no país com a intenção de permanecer por um período igual ou superior a um ano, sendo o número de homens (336.123)

ligeiramente superior ao de mulheres (325.972), e as faixas etárias mais representadas são entre os 30-34 anos e entre os 25-29 anos de idade (Reis et al., 2020).



*Figura 1 – Nacionalidades mais representativas em Portugal em 2020 segundo o SEF.* (Reis et al., 2020).

A análise da evolução da população estrangeira em Portugal implica a consideração de diversos aspetos, particularmente os contextos económicos e sociais português e dos países de origem, a evolução legislativa, as relações históricas e culturais e os impactos da operacionalização de políticas de imigração. O motivo mais relevante na concessão de novos títulos de residência é o reagrupamento familiar (35.736), seguido da atividade profissional (29.715) e o estudo (12.285). No caso do motivo mais representativo, inclui familiares de cidadãos da União Europeia e nacionais de Estados terceiros (Reis et al., 2020).

De acordo com Sluzki (1979) o processo de migração ocorre em cinco etapas: 1) fase preparatória - começa com os primeiros movimentos concretos dos elementos da família como um pedido de visto, ou qualquer outro ato que fundamente a intenção de migrar; 2) ato de migração - difere consoante as necessidades, modo ou estilo da migração, levando à adaptação a uma nova realidade, cultura e sociedade; 3) período de sobrecompensação - orientação para as tarefas, e aumento da divisão entre papéis "instrumentais" e "afetivos" na família, respondendo às necessidade básicas de sobrevivência e adaptação ao ambiente e cultura diferente; 4) período de descompensação – podem ocorrer conflitos, sintomas e



dificuldades, reorganização familiar da nova realidade, mantendo a continuidade da família em termos de identidade e a sua adaptação ao ambiente; 5) processos transgeracionais - nesta fase, as famílias, na sua função de principais agentes de socialização, transmitem não só as normas e costumes da sua cultura, mas também os estilos, modos, valores e mitos específicos que constituem uma visão específica da família do mundo e da sua história. Cada uma destas etapas tem características específicas e, desencadeia conflitos, sintomas e mecanismos de *coping* familiares (Sluzki, 1979).

O processo migratório é um processo multifacetado, e sendo uma crise, pode gerar inadaptação, disfunção ou doença, mas também pode potenciar o desenvolvimento, o bem-estar, a saúde e a criatividade dos indivíduos e das famílias. Implica uma adaptação à cultura de acolhimento, a um meio novo, desconhecido ou hostil. Constitui uma experiência de perda, rutura e mudança, vivenciada pelo indivíduo e família de uma forma que pode ser mais ou menos traumatizante ou harmoniosa, segundo os recursos psicológicos e sociais das famílias e os seus elementos, as características da sociedade para onde se vai, as condições de acolhimento e as políticas do país recetor (Ramos et al., 2012).

Os migrantes deslocam-se entre contextos que correspondem a territórios nacionais e, por vezes, continentes diferentes, e por isso, assumem complexidades distintas, consoante as características idiossincráticas do indivíduo, das aproximações entre o local de origem e de destino. A migração também influencia de forma significativa a família, as redes sociais e o quotidiano das pessoas, tendo consequências na vida dos que ficam, ou seja, dos que não migram. A experiência de migração é vivida como uma rutura nos laços familiares, afetivos, linguísticos e simbólicos da pessoa, e pode implicar a necessidade de integração de referências culturais por vezes contraditórias. A condição de migrante pode despoletar sofrimento, e, muitas vezes, este sofrimento não é evidente (Lechner, 2007).

Segundo Vieira e Trindade, (2008) a pessoa migrante precisa tornar-se membro de uma nova sociedade, o que pode acontecer através de dois tipos de transformações, ignorar e esquecer o passado cultural das origens ou fazer uso da riqueza da cultura original como um conjunto de experiências, entre muitas na vida quotidiana, conduzindo a um Eu intercultural.

As alterações na identidade social e afetiva (separação, divórcio, filiação, trabalho, etc) ocorridas durante o processo migratório fazem com que a migração seja vivenciada como uma situação de vulnerabilidade em vários níveis. Situações que causam maior

vulnerabilidade são o contato negativo com instituições de saúde e a educação potenciando sofrimento psicológico significativo (Martins-borges, 2013).

Nos estudos sobre processos de migração, a aculturação e a cultura são variáveis muito presentes, esta última, pode incluir crenças, atitudes, e costumes específicos, bem como valores e comportamentos, contrariamente, o termo aculturação refere-se às mudanças que podem ocorrer quando indivíduos de diferentes culturas entram em contacto, com possíveis mudanças tanto nos migrantes como nos membros da sociedade de acolhimento. A teoria e a investigação psicológica sugerem que a aculturação é bidimensional, uma vez que as mudanças podem ocorrer ao longo de duas dimensões, uma representando a manutenção ou perda da cultura original e a outra representando a adoção ou rejeição da nova cultura. Esta bidimensionalidade é importante, pois sugere que a aculturação não é linear da cultura original para a nova cultura, mas que os indivíduos podem simultaneamente participar na nova cultura e manter a sua cultura original. As duas culturas podem ser expressas em momentos diferentes, em contextos diferentes, ou podem fundir-se para formar expressões culturais que tenham aspetos de ambas (Esses, 2021).

As famílias migrantes, reinventam o seu funcionamento, organizam-se e adaptam os seus valores familiares ao novo contexto e reconstrução, relaciona-se com as condições e limitações que o próprio cenário migratório apresenta. A capacidade da família para lidar com o estresse é influenciada tanto por fatores internos, como por externos. Os fatores internos da família incluem por exemplo os mecanismos de resiliência, e o apoio na família. O contexto relacional da resiliência, num ponto de vista sistémico, expande a visão existente da adaptação individual a processos transacionais e coloca-a em processos mais amplos e recíprocos entre a família e o contexto social (Chen & Clark, 2010). A resiliência constrói-se e desenvolve-se na interação com o meio, e o meio potencia ou limita a resiliência individual e familiar.

O conceito de resiliência familiar é especialmente interessante à medida que o nosso mundo se torna cada vez mais complexo, imprevisível e que as famílias enfrentam desafios, sem precedentes. Consiste na capacidade de resistir e recuperar de crises e adversidades. Embora a virtude dos "valores da família" seja amplamente defendida não existem políticas e apoios para sustentar a vitalidade das famílias. Numa altura de preocupação generalizada com o “desaparecimento” da família, é mais importante do que

nunca compreender os processos que permitem às famílias resistir e recuperar dos desafios da sua vida, saindo fortalecidas, como uma unidade familiar (Walsh, 1996).

A resiliência familiar é definida como o conjunto de processos de reorganização de significados e comportamentos ativados pela família sob situações estressantes, de forma a recuperar e manter níveis ótimos de funcionamento e bem-estar, equilibrando os seus recursos e necessidades, (Gómez & Kotliarenco, 2010). Desenvolvem-se ao longo dos ciclos de vida e através de gerações, em diversos contextos sociais e ao longo do tempo (Lurdes & Pereira, 2011). Trata-se de um processo dinâmico, sustentado pela interação entre a pessoa e o ambiente, entre a família e o ambiente social. É o resultado de um equilíbrio entre fatores de risco, fatores de proteção, características intrínsecas do indivíduo, funcionalidade e estrutura familiar, e pode variar ao longo do tempo e com mudanças no contexto (Pereira, 2010).

A resiliência pressupõe uma abordagem à gestão das adversidades, reconhecendo o seu potencial de risco, mas sem perder a capacidade de mobilizar os recursos (pessoais e contextuais) para enfrentar essas situações. Trata-se de um conceito importante, especialmente em termos de promoção da saúde, pois, ajuda a compreender os motivos que levam algumas pessoas, expostas a situações com elevado potencial de risco a terem capacidade de enfrentá-las bem e outras em situações semelhantes não conseguirem responder da mesma maneira (Silva et al., 2009).

De acordo com Walsh (1998) os processos chave que influenciam a resiliência familiar são: 1) capacidade de comunicação/resolução de problemas - neste processo está incluída a clareza, consistência na comunicação, espaço para a expressão emocional, empatia nas relações e esclarecimento de informações ambíguas; 2) os sistemas de crenças - contribuem para dar coerência aos acontecimentos adversos de forma a torná-los compreensíveis e abordáveis; 3) os padrões de organização, que incluem a flexibilidade (capacidade de reorganização à mudança, manutenção estabilidade face as perturbações e de reorganização).

A resiliência é considerada uma trajetória de vida que se constrói, de forma progressiva, a partir de uma sequência de processos, vivenciados desde o início da vida, os quais possibilitam que, mesmo em contextos de risco elevado, as pessoas, as famílias ou as comunidades enfrentem as adversidades que enfrentam, de forma a encontrar respostas aos seus problemas e suas necessidades. Trata-se, portanto, de um fenómeno complexo

que se constrói na intersecção entre os múltiplos contextos com os quais o indivíduo interage de forma direta ou indireta e cuja presença é observada, com mais clareza, nas situações adversas, de caráter temporário ou constante (Silva et al., 2009).

Um estudo que realizado por Raghavan et al., (2021) pretendia explorar a percepção de resiliência no contexto transcultural, acedendo à experiência vivida de migração interna. Os participantes foram recrutados num bairro de baixos rendimentos na cidade de Pune, Índia. Estes indivíduos participaram em entrevistas narrativas biográficas, nas quais foram encorajados a falar da sua experiência de migração, e da adaptação à vida no novo ambiente. A conclusão foi que, uma variedade de fatores internos individuais e externos sustentaram a resiliência, incluindo a aceitação das circunstâncias, a importância da memória, a esperança para o futuro dos filhos, apoio dos amigos, da família, dos membros da comunidade e aspetos do ambiente físico que constituem uma melhoria nas suas vidas.

A resiliência também resulta de aspetos do funcionamento da família que a organizam não apenas em circunstâncias extremas e estressantes, mas também no seu ciclo evolutivo normativo, ou seja, no dia a dia. A família adapta-se às circunstâncias, mantendo a sua organização, continuidade e permitindo que os seus elementos cresçam psicossocialmente.

Segundo Minuchin, Rosman e Baker (1978) o funcionamento familiar refere-se à capacidade da família se adaptar a diferentes situações, sobretudo as que são de maior stresse. A adaptabilidade, a coesão, a comunicação e o suporte emocional são alguns aspetos fundamentais na forma como a família gere o stresse (Alarcão, 2006).

O Modelo Circumplexo do Sistema Conjugal e Familiar (Circumplex Model of Marital and Family Systems – adiante designado por Modelo Circumplexo), de Olson e colaboradores, perspectiva que a coesão, a adaptabilidade, a comunicação e a satisfação familiares são os processos centrais que organizam o funcionamento familiar. A coesão diz respeito às ligações emocionais entre os membros de uma família, a proximidade e o distanciamento entre eles. A adaptabilidade é definida como a capacidade de mudança da família, a liderança, organização, papéis, relações e estratégias de gestão familiar, de mudança e estabilidade. A comunicação apresenta-se como a dimensão que facilita a coesão e a adaptabilidade, e refere-se a todos os comportamentos de interação entre os membros da família (Barnes & Olson, 1985; Olson, 2000); (Sequeira et al.2021).

Segundo o modelo circumplexo as famílias com um funcionamento saudável apresentam níveis ajustados de coesão e adaptabilidade, e famílias com um funcionamento

problemático apresentam níveis de coesão e adaptabilidade extremos (Olson, 2011). Níveis muito elevados e ou muito baixos de coesão (coesão emaranhada e desligada, respetivamente) e níveis de adaptabilidade muito elevados ou demasiado baixos (adaptabilidade caótica e rígida, respetivamente) acarretam problemas a longo prazo, quer para os indivíduos quer para as suas interações familiares (Olson e Gorall, 2003). Famílias com uma coesão equilibrada são capazes de obter um equilíbrio entre a separação e a ligação com os seus membros, são independentes, mas permanecem ligados às suas famílias. Famílias com uma adaptabilidade equilibrada tendem a conjugar a capacidade de mudar quando é necessário, com a estabilidade (Olson, 2000). Famílias com uma coesão emaranhada apresentam relações demasiado próximas e muita dependência entre os seus membros, existindo pouca separação pessoal e pouca privacidade. Famílias com uma coesão desligada apresentam relações distantes e, pouco envolvimento/apoio mútuo entre os seus membros (Olson e Gorall, 2003). A adaptabilidade rígida é caracterizada pela existência de um elemento da família responsável pela tomada das decisões, pelos papéis bem definidos e pela não alteração das regras estabelecidas. As famílias com uma adaptabilidade caótica apresentam uma liderança limitada, papéis pouco claros e a impulsividade na tomada de decisão (Olson, 2000).

Peñas e colaboradores (2020) desenvolveram um estudo, com mulheres migrantes latino-americanas, com o objetivo de avaliar o funcionamento familiar em famílias transnacionais. Foi colocada a hipótese de que o aumento da frequência da comunicação das mães com os seus filhos durante o período de separação, estará ligado a uma melhor comunicação, coesão, flexibilidade e satisfação. Os resultados confirmaram o papel mediador das variáveis transnacionais como a frequência das comunicações, que moderam o impacto negativo da migração nestas famílias e estão associadas de forma positiva ao funcionamento familiar, em termos de maior coesão, flexibilidade, comunicação, satisfação e perceção dos recursos. (Peñas et al., 2020).

Um estudo realizado por (Muggli et al., 2021) teve como objetivo estudar as famílias transnacionais, o bem-estar psicológico das crianças. Foi analisado um inquérito realizado em três países africanos (Gana, Angola e Nigéria) entre alunos do ensino secundário. O estudo compara as crianças de famílias transnacionais com as que vivem com os seus pais no seu país de origem. Os resultados revelam que as crianças em famílias transnacionais têm piores pontuações do que as crianças que vivem com ambos os pais no seu país. As características das famílias transnacionais e os contextos dos países em que as crianças

vivem são importantes. Os resultados indicam ainda que a mudança de prestadores de cuidados está associada a menor bem-estar em todos os países e que existem diferenças no bem-estar psicológico das crianças, em função de qual dos pais migra. No Gana, por exemplo, quando as mães migram e os pais são prestadores de cuidados, resulta em menor bem-estar psicológico nas crianças.

Concluindo, e de acordo com Walsh (2003), a resiliência familiar tem influência na forma como os indivíduos lidam com os acontecimentos que interferem com o sistema familiar como um todo e, a forma como cada elemento reage às adversidades, está diretamente relacionada com as capacidades e habilidades individuais e familiares para lidar com as situações *stressantes*. A migração apresenta-se como uma crise acidental, que implica alterações estruturais de forma a garantir a evolução e sobrevivência da família (Alarcão,2000).

As famílias têm potencial de resiliência, e existem muitos caminhos para alcançá-la. Muitas famílias relatam que, após terem resistido juntos a uma crise, as suas relações intrafamiliares tornaram-se mais preciosas e amorosas do que poderiam ter sido de outro modo (Walsh, 1996).

Assumindo-se que a migração tem impacto na dinâmica das famílias, o presente estudo tem como objetivo principal identificar a perceção de distintos migrantes sobre aspetos relativos ao contexto migratório e sobre o seu funcionamento, e resiliência familiar.

## **Metodologia**

### **Objetivos**

Definiram-se como objetivos específicos deste estudo os seguintes:

- 1-** Conhecer a situação familiar e perceções relativas à situação de migração em sujeitos pertencentes a famílias de diferentes nacionalidades – Angolana, Brasileira, Cabo-verdiana, Guineense e Moçambicana.
- 2-** Analisar a perceção do funcionamento (coesão e flexibilidade equilibradas, emaranhamento, desmembramento, rigidez, caoticidade, comunicação e satisfação) em sujeitos pertencentes a famílias de diferentes nacionalidades – Angolana, Brasileira, Cabo – Verdiana, Guineense, Moçambicana.

- 3- Analisar a percepção de resiliência (Sistema de crenças, Padrões de organização, Comunicação e resolução de problemas de diferentes nacionalidades – Angolana, Brasileira, Cabo-verdiana, Guineense, Moçambicana).

### **Tipo de estudo**

Trata-se de um estudo quantitativo, transversal analítico, uma vez que os grupos de estudo são classificados no início, e não existe intervenção direta do pesquisador com as variáveis em análise (Pocinho, 2012, p.32).

### **Participantes**

Como é apresentado na Tabela 1 participaram neste estudo 168 sujeitos, 46 participantes de nacionalidade angolana (27,4), 31 Brasileira (18,5%), 31 de nacionalidade Cabo-verdiana (18,5%), 30 Guineenses (17,9%) e 30 Moçambicanos (17,9).

Quanto ao sexo 96 participantes são do sexo feminino (57,1%), 72 do sexo masculino (42,9%), e apenas na nacionalidade Brasileira participaram mais homens do que mulheres. Têm idades compreendidas entre os 12 e os 60 anos. Vinte e nove participantes têm até 18 anos (17,3%), sendo a faixa etária mais presente entre os participantes Guineenses, 37 entre os 19 e os 25 anos (22,0%), mais presente entre os participantes Angolanos e Cabo-verdianos, 44 sujeitos entre os 26 e 35 anos (26,2%), faixa etária mais presente entre os participantes Moçambicanos, 38 entre 36 e 45 anos (22,6%), mais frequente entre os Brasileiros, 18 sujeitos com idades entre os 46 e 55 anos (10,7%) e 2 sujeitos entre os 56 e 65 anos (1,2%).

Relativamente ao estado civil, do total dos participantes, 85 são casados (50,6%) – 19 angolanos (41,3%), 26 brasileiros (83,9%), 13 cabo-verdianos (41,9%), 10 guineenses (33,3%) e 17 moçambicanos (56,7%). Setenta são solteiros (41,7%) – 23 angolanos (50,0%), 4 brasileiros (12,9%), 15 cabo-verdianos (48,4%), 19 guineenses (63,3%) e 9 moçambicanos (30,0%).

Em relação ao tempo de migração, 67 sujeitos residem em Portugal há entre 1-3 anos (39,9%), a maior parte destes sujeitos são angolanos (n = 21;45,7%), 40 entre 3-5 anos (23,8%), maior parte dos participantes Guineenses (n = 15; 50,0%) e 61 participantes residem há mais de 5 anos (36,3%), maior parte os sujeitos Cabo-verdianos (n = 17; 54,8%).

Na tabela 2 pode observar-se que quanto às habilitações, 65 têm o ensino secundário (38,7%) sendo a maior parte dos participantes Guineenses, 65 são licenciados (38,7%) -

20 Angolanos (43,5%), 16 Brasileiros (51,6%), 10 Cabo-verdianos (32,3%), 7 Guineenses (23,3%) e 12 Moçambicanos (40,0%), 14 participantes têm o terceiro ciclo (8,3%), 7 têm o segundo ciclo (4,2%), 13 pessoas têm o mestrado (7,7%), 2 sujeitos têm o primeiro ciclo de escolaridade (1,2%), e 2 participantes têm o doutoramento (1,2%).

Em relação a situação profissional, 68 participantes são trabalhadores por conta de outrem (40,5%), sendo os mais representados os brasileiros (n = 19;61,3%), moçambicanos (n = 16;53,3%), e cabo-verdianos (n = 14;45,2%), 45 são estudantes (26,8%), sendo a maior parte dos participantes guineenses (n = 14;46,75), 42 sujeitos são trabalhadores/estudantes (25,0%), fazendo parte deste número a maior parte dos participantes angolanos (n = 17; 37,0%), 10 são trabalhadores por conta própria (6,0%), e 3 participantes angolanos encontram-se desempregados (1,8%).

No que concerne aos rendimentos, 123 participantes têm um rendimento compreendido entre 1000€ e 2000€ (73,2%) – 28 cabo-verdianos (90,3%), 27 guineenses (90,0%), 26 brasileiros (83,9%), 21 moçambicanos (70,0%) e 21 angolanos (45,7%), 25 mais de 3000€ (14,9%) – 10 angolanos (21,7%), 5 moçambicanos (16,7%), 4 brasileiros (12,9%), 3 guineenses (10,0%) e 3 cabo-verdianos (9,7%). Dezoito sujeitos entre 500€ e 1000€ (10,7%) - 14 angolanos (30,0%), 3 moçambicanos (10,0%) e 1 brasileiro (3,2%) e 2 participantes têm rendimentos até 500€ (1,2%) - 1 moçambicano (3,3%) e 1 angolano (1,2%).



**Tabela 1***Caracterização sociodemográfica dos participantes em função da nacionalidade (N= 168)*

	Angolana (46)	Brasileira (31)	Cabo-verdiana (31)	Guineense (30)	Moçambicana (30)	Total (168)
<b>Variável</b>	n (%)	n (%)	n (%)	n (%)	n (%)	n (%)
<b>Sexo</b>						
Masculino	13 (28,3)	<b>18 (58,1)</b>	13 (41,9)	15 (50,0)	13 (43,3)	72 (42,9)
Feminino	<b>33 (71,7)</b>	13 (41,9)	<b>18 (58,1)</b>	15 (50,0)	<b>17 (56,7)</b>	<b>96 (57,1)</b>
<b>Idade</b>						
12-18	5 (10,9)	2 (6,5)	6 (19,4)	<b>10 (33,3)</b>	6 (20,0)	29 (17,3)
19-25	<b>16 (34,8)</b>	-	<b>8 (25,8)</b>	8 (26,7)	5 (16,7)	37 (22,0)
26-35	12 (26,1)	11 (35,5)	7 (22,6)	4 (13,3)	<b>10 (33,3)</b>	<b>44 (26,2)</b>
36-45	6 (13,9)	<b>15 (48,4)</b>	7 (22,6)	5 (16,7)	5 (16,7)	38 (22,6)
46-55	6 (13,0)	3 (9,7)	3 (9,7)	3 (10,0)	3 (10,0)	18 (10,7)
56-65	1 (2,2)	-	-	-	1 (3,3)	2 (1,2)
<b>Estado civil</b>						
Solteiro (a)	<b>23 (50,0)</b>	4 (12,9)	<b>15 (48,4)</b>	<b>19 (63,3)</b>	9 (30,0)	70 (41,7)
Em união estável/de facto	3 (6,5)	-	3 (9,7)	1 (3,3)	2 (6,7)	9 (5,4)
Casado (a)	19 (41,3)	<b>26 (83,9)</b>	13 (41,9)	10 (33,3)	<b>17 (56,7)</b>	<b>85 (50,6)</b>
Separado (a) Divorciado (a)	1 (2,2)	-	-	-	1 (3,3)	2 (1,2)
Recasado (a) nova união estável/ de facto	-	1 (3,2)	-	-	1 (3,3)	2 (1,2)
Viúvo (a)	-	-	-	-	-	-
<b>Tempo de migração</b>						
1-3	<b>21 (45,7)</b>	<b>17 (54,8)</b>	9 (29,0)	6 (20,0)	<b>13 (46,7)</b>	<b>67 (39,9)</b>
Mais de 3 a 5	13 (28,3)	4 (12,9)	5 (16,1)	<b>15 (50,0)</b>	3 (10,0)	40 (23,8)
Mais de 5	12 (26,1)	10 (32,3)	<b>17 (54,8)</b>	9 (30,0)	13 (43,3)	61 (36,3)

*Nota. N = número total de participantes; n = nº de participantes; % = percentagem de participantes*

**Tabela 2***Caracterização sociodemográfica dos participantes em função da nacionalidade (N= 168)*

	Angolana (46)	Brasileira (31)	Cabo-verdiana (31)	Guineense (30)	Moçambicana (30)	Total (168)
<b>Variável</b>	n (%)	n (%)	n (%)	n (%)	n (%)	n (%)
<b>Habilitações</b>						
1º Ciclo (até ao 4º ano de escolaridade)	-	-	-	1 (3,3)	1 (3,3)	2 (1,2)
2º Ciclo (até ao 6º ano)	-	1 (3,2)	1 (3,2)	4 (13,3)	1 (3,3)	7 (4,2)
3º Ciclo (até ao 9º ano)	2 (4,3)	1 (3,2)	3 (9,7)	4 (13,3)	4 (13,3)	14 (8,3)
Ensino secundário (até ao 12º ano)	17 (37,0)	11 (35,5)	<b>15 (48,4)</b>	<b>12 (40,0)</b>	10 (33,3)	<b>65 (38,7)</b>
Licenciatura	<b>20 (43,5)</b>	<b>16 (51,6)</b>	10 (32,3)	7 (23,3)	<b>12 (40,0)</b>	<b>65 (38,7)</b>
Mestrado	6 (13,0)	2 (6,5)	2 (6,5)	2 (6,7)	1 (3,3)	13 (7,7)
Doutoramento	1 (2,2)	-	-	-	1 (3,3)	2 (1,2)
<b>Situação profissional</b>						
Trabalhador(a) por conta de outrem	11 (23,9)	<b>19 (61,3)</b>	<b>14 (45,2)</b>	8 (26,7)	<b>16 (53,3)</b>	<b>68 (40,5)</b>
Trabalhador(a) por conta própria	4 (8,7)	4 (12,9)	1 (3,2)	1 (3,3)	-	10 (6,0)
Estudante	11 (23,9)	2 (6,5)	10 (32,3)	<b>14 (46,7)</b>	8 (26,7)	45 (26,8)
Trabalhado(a)/estudante	<b>17 (37,0)</b>	6 (19,4)	6 (19,4)	7 (23,3)	6 (20,0)	42 (25,0)
Desempregado(a)	3 (6,5)	-	-	-	-	3 (1,8)
<b>Rendimentos</b>						
Até 500€	1 (2,2)	-	-	-	1 (3,3)	2 (1,2)
Entre 500€ e 1000€	14 (30,0)	1 (3,2)	-	-	3 (10,0)	18 (10,7)
Entre 1000€ e 2000€	<b>21 (45,7)</b>	<b>26 (83,9)</b>	<b>28 (90,3)</b>	<b>27 (90,0)</b>	<b>21 (70,0)</b>	<b>123 (73,2)</b>
Mais de 3000€	10 (21,7)	4 (12,9)	3 (9,7)	3 (10,0)	5 (16,7)	25 (14,9)

*Nota. N = número total de participantes; n = n° de participantes; % = percentagem de participantes*

Na tabela 3 estão descritas as características geográficas e de residência dos participantes. Em relação ao distrito de residência, grande parte dos participantes reside no distrito de Coimbra (n=44;22,6%) – 12 angolanos (26,1%), 10 guineenses (33,3%), 9 moçambicanos (30,0%), 8 cabo-verdianos (25,8%) e 5 brasileiros. Vinte e seis participantes residem numa habitação própria (15,5%) – 9 angolanos (19,6%), 6 cabo-verdianos (19,4%), 5 moçambicanos (16,7), 4 guineenses (13,3%) e 2 brasileiros (6,5%). Cento e trinta e oito numa casa alugada (82,1%) – 36 angolanos (78,3%), 29 brasileiros (93,5%), 26 guineenses (86,7), 25 Cabo-verdianos (80,6%) e 22 moçambicanos (73,3%). Quatro participantes residem numa habitação de um familiar (2,4%) dos quais 3 moçambicanos (10,0%) e 1 angolano (2,2%).

**Tabela 3**

*Caracterização sociodemográfica dos participantes (N = 168)*

	Angolana (46)	Brasileira (31)	Cabo-verdiana (31)	Guineense (30)	Moçambicana (30)	Total (158)
Variável	n (%)	n (%)	n (%)	n (%)	n (%)	n (%)
<b>Distrito</b>						
Aveiro	5 (10,9)	2 (6,5)	3 (9,7)	-	7 (23,3)	17(10,1)
Braga	-	2 (6,5)	-	9 (30,0)	1 (3,3)	12(7,1)
Bragança	-	-	2 (6,5)	-	-	2(1,2)
Castelo branco	-	2 (6,5)	3 (9,7)	-	2 (6,7)	7(4,2)
Coimbra	12 (26,1)	5 (16,1)	<b>8 (25,8)</b>	<b>10 (33,3)</b>	<b>9 (30,0)</b>	<b>44(22,6)</b>
Leiria	3 (6,5)	2 (6,5)	-	-	-	5(3,0)
Lisboa	<b>18 (39,1)</b>	6 (19,4)	<b>8 (25,8)</b>	-	-	37(22,0)
Portalegre	-	2 (6,5)	-	-	-	2(1,2)
Porto	6 (12,0)	-	6 (19,4)	4 (13,3)	1(3,3)	17(10,1)
Setúbal	2 (4,3)	2 (2)	-	-	-	4(2,4)
Viana do castelo	-	-	-	-	-	2(1,2)
Viseu	-	<b>8 (25,8)</b>	1 (3,2)	3 (10,0)	7 (23,3)	19(11,3)
<b>Habitação</b>						
Própria	9 (19,6)	2 (6,5)	6 (19,4)	4 (13,3)	5 (16,7)	26(15,5)
Alugada	<b>36 (78,3)</b>	<b>29 (93,5)</b>	<b>25 (80,6)</b>	<b>26 (86,7)</b>	<b>22 (73,3)</b>	<b>138(82,1)</b>
De um familiar	1 (2,2)	-	-	-	3 (10,0)	4(2,4%)
Outra situação	-	-	-	-	-	-

Nota. N = número total de participantes; n = nº de participantes; % - percentagem de participantes

Na tabela 4 está descrita a caracterização familiar dos participantes. A maioria das nacionalidades faz parte de uma família nuclear intacta - 30 angolanos (65,2%), 19 brasileiros (61,3%), 25 Cabo-verdianos (80,6%),

Sobre a etapa do ciclo vital, 61 famílias estão na etapa família com filhos adultos (36,3%), 52 na etapa família com filhos adolescentes (31,0%), 21 participantes estão na etapa da formação do casal (12,5), 19 na etapa famílias com filhos pequenos (11,3%), 14 na etapa família com filhos na escola (8,3%), e 1 participante é um agregado unipessoal (0,6).

No que concerne a situação transacional, 50 participantes (29,8%) fazem parte de famílias acordeão - 18 angolanos, 7 cabo-verdianos, 19 guineenses e 6 moçambicanos, cento e dezoito (70,2) não fazem parte de famílias acordeão.

**Tabela 4**

*Caracterização familiar (N = 168)*

	<b>Angolana</b> (46)	<b>Brasileira</b> (31)	<b>Cabo-verdiana</b> (31)	<b>Guineense</b> (30)	<b>Moçambicana</b> (30)	<b>Total</b> (168)
<b>Variável</b>	n (%)	n (%)	n (%)	n (%)	n (%)	n (%)
<b>Tipologia familiar</b>						
Casal sem filhos	4 (8,7)	11 (35,5)	-	-	3 (10,0)	18 (10,7)
Família nuclear intacta	<b>30 (65,2)</b>	<b>19 (61,3)</b>	<b>25 (80,6)</b>	<b>30 (100)</b>	<b>19 (63,3)</b>	<b>123 (73,2)</b>
Família nuclear alargada	7 (15,2)	1 (3,2)	3 (9,7)	-	6 (20,0)	17 (10,1)
Família monoparental	1 (2,2)	-	-	-	-	1 (0,6)
Família reconstituída	-	-	3 (9,7)	-	-	3 (1,8)
Agregado Unipessoal	1 (2,2)	-	-	-	1 (3,3)	2 (1,2)
Fratria	3 (6,5)	-	-	-	1 (3,3)	4 (2,4)
<b>Etapa do ciclo vital</b>						
Formação do casal	3 (6,5)	<b>12 (38,7)</b>	1 (3,2)	-	5 (16,7)	21 (12,5)
Família com filhos pequenos	1 (2,2)	6 (19,4)	5 (16,1)	4 (13,3)	3 (10,0)	19 (11,3)
Família com filhos na escola	4 (8,7)	3 (9,7)	2 (6,5)	-	5 (16,7)	14 (8,3)
Família com filhos adolescentes	15 (32,6)	5 (16,1)	9 (29,0)	<b>14 (46,7)</b>	<b>9 (30,0)</b>	52 (31,0)
Família com filhos adultos	<b>23 (50,0)</b>	5 (16,1)	<b>14 (45,2)</b>	12 (40,0)	7 (23,3)	<b>61 (36,3)</b>
Família com filhos adultos	-	-	-	-	-	-
Ninho vazio	-	-	-	-	1 (3,3)	1 (0,6)
Agregado unipessoal	-	-	-	-	-	-
<b>Família acordeão</b>						
Sim	18 (39,1)	-	7 (22,6)	<b>19 (63,3)</b>	6 (20,0)	50 (29,8)
Não	<b>28 (60,9)</b>	<b>31 (100,0)</b>	<b>24 (77,4)</b>	11 (36,7)	<b>24 (80,0)</b>	<b>118 (70,2)</b>

*Nota. N = número total de participantes; n = nº de participantes; % - percentagem de participantes*

Na tabela 5 estão descritas as situações familiares. No que diz respeito ao número de elementos no agregado familiar a maioria dos participantes de todas as nacionalidades com exceção dos Brasileiros têm agregados familiares compostos por mais de 3 elementos (n = 113; 67,3%) e 55 têm até 3 elementos no seu agregado familiar (32,7%).

No que concerne a posição ocupada na família, grande parte dos participantes ocupa a posição de filho (n = 66; 39,3%) – 22 angolanos (47,8%), 19 guineenses (63,3%), 14 cabo-verdianos (45,2%), 9 moçambicanos (30,0%) e 2 brasileiros (6,5).

Em relação ao número de filhos, a maioria dos participantes de todas as nacionalidades não tem filhos (n = 87; 51,8%), 28 participantes têm 2 filhos (16,7%), 25 inqueridos têm 1 filho (14,9), 14 têm 3 filhos (8,3%), 6 têm 4 filhos (3,6%) e 8 participantes têm mais de 4 filhos (4,8%).

**Tabela 5***Situação familiar (N=168)*

	Angolana (46)	Brasileira (31)	Cabo-verdiana (31)	Guineense (30)	Moçambicana (30)	Total (168)
Variável	n (%)	n (%)	n (%)	n (%)	n (%)	n (%)
<b>elementos no agregado familiar</b>						
Até 3 elementos	14(30,4)	21 (67,7)	5 (16,1)	4 (13,3)	11 (36,6)	55 (32,7)
Mais de 3 elementos	<b>32 (69,4)</b>	<b>10 (32,3)</b>	<b>26 (83,8)</b>	<b>26 (86,7)</b>	<b>19 (63,3)</b>	<b>113 (67,3)</b>
<b>Posição na família</b>						
Mãe	3 (6,5)	-	1 (3,2)	1 (3,3)	5 (16,7)	10 (6,0)
Esposa/companheira	4 (8,7)	9 (29,0)	1 (3,2)	-	1 (3,3)	15 (8,9)
Mãe/esposa	7 (15,2)	4 (12,9)	7 (22,6)	1 (3,3)	6 (20,0)	25 (14,9)
Esposo/companheiro	1 (2,2)	7 (22,6)	-	-	5 (16,7)	13 (7,7)
Pai/Esposo	9 (19,6)	<b>9 (29,0)</b>	8 (25,8)	9 (30,0)	4 (13,3)	39 (23,2)
Filho	<b>22 (47,8)</b>	2 (6,5)	<b>14 (45,2)</b>	<b>19 (63,3)</b>	<b>9 (30,0)</b>	<b>66 (39,3)</b>
<b>Número de filhos</b>						
Não tenho	<b>25 (54,3)</b>	<b>14 (45,2)</b>	<b>16 (51,6)</b>	<b>19 (63,3)</b>	<b>13 (43,3)</b>	<b>87 (51,8)</b>
1 filho	4 (8,7)	7 (22,6)	4 (12,9)	3 (10,0)	7 (23,3)	25 (14,9)
2 filhos	6 (13,0)	3 (9,7)	8 (25,8)	6 (20,0)	5 (16,7)	28 (16,7)
3 filhos	5 (10,9)	5 (16,1)	2 (6,5)	-	2 (6,7)	14 (8,3)
4 filhos	3 (6,5)	1 (3,2)	1 (3,2)	-	1 (3,3)	6 (3,6)
Mais de 4 filhos	3 (6,5)	1 (3,2)	-	2 (6,7)	2 (6,7)	8 (4,8)

Nota. N = número total de participantes; n = nº de participantes; % = percentagem de participantes

Na tabela 6 estão descritos os motivos da migração. 96 participantes referem a formação académica/profissional (55,8%), sendo o motivo com maior frequência, seguido da segurança, referido por 93 participantes (54,1%), a saúde é o terceiro motivo mais frequente, mencionado por 91 participantes (52,9%), de seguida a educação mencionada por 79 (45,9%). As condições socioeconómicas foram apontadas por 77 participantes (44,8%), seguindo-se questões de trabalho (N = 71;(41,3%), seguido as questões de insegurança no país de origem (N = 6; 3,5%), mencionados por 5 participantes (2,9%), estão os motivos de guerra no país de origem e a reunificação familiar, questões políticas referidas por 3 inqueridos (1,7%), e razões humanitárias referida por 1 participante (0,6%).

Os motivos mais presentes entre os angolanos são a saúde, segurança e a formação académica/profissional, entre os participantes brasileiros são a segurança, trabalho e condições socioeconómicas, os motivos mais assinalados pelos cabo-verdianos são a formação académica/profissional, saúde e segurança, por parte dos Guineenses os motivos mais comuns são a formação académica/profissional, educação e saúde, já os motivos mais presentes entre os sujeitos Moçambicanos são a formação académica/profissional, condições socioeconómicas e educação.

**Tabela 6***Motivo de migração por nacionalidade (N=168)*

	Angolana	Brasileira	Cabo-verdiana	Guineense	Moçambicana	Total
<b>Motivos da migração</b>	n	n	n	n	n	n (%)
Condições socioeconómicas	16	<b>18</b>	14	11	<b>18</b>	77 (44,8)
Educação	25	7	17	<b>14</b>	<b>17</b>	79 (45,9)
Formação académica/profissional	<b>27</b>	10	<b>21</b>	<b>19</b>	<b>19</b>	<b>96 (55,8)</b>
Motivos de guerra no país de origem	3	1	1	-	-	5 (2,9)
Questões de insegurança no seu país	3	1	-	1	1	6 (3,5)
Questões políticas	1	2	-	-	-	3 (1,7)
Razões humanitárias	1	-	-	-	-	1 (0,6)
Reunificação familiar	-	2	1	1	1	5 (2,9)
Saúde	<b>28</b>	16	<b>18</b>	<b>13</b>	16	<b>91 (52,9)</b>
Segurança	<b>29</b>	<b>20</b>	<b>17</b>	12	15	<b>93 (54,1)</b>
Trabalho	17	<b>19</b>	11	10	13	71 (41,3)

*Nota. N = número total de participantes; n = nº de participantes; % = percentagem de participantes*

## Procedimentos

Os dados foram recolhidos através da plataforma do Google Forms, tendo o estudo sido divulgado, nas redes sociais, Facebook, Instagram, Messenger e WhatsApp. Foi partilhado um link de acesso ao questionário onde eram apresentados os objetivos da investigação, o consentimento informado esclarecendo a participação confidencial e voluntária. A resposta ao questionário e aos instrumentos demorou entre 10 a 15 minutos. O processo de recolha de dados foi realizado entre de março de e junho de 2022.

## Instrumentos

O protocolo de investigação é composto por um questionário sociodemográfico de dados complementares dados relativos ao agregado familiar e dois questionários de autorresposta: FACES-IV (Escala de Avaliação da Adaptabilidade e Coesão Familiar) e WFRQ (*Walsh Family Resilience Questionnaire*).

### 1- Questionário de dados sociodemográficos, familiares e relativos ao processo de migração

Este questionário avalia variáveis sociodemográficas de cada participante (e.g. idade, sexo, estado civil, habilitações literárias, situação profissional e meio de residência), familiar (e.g. composição atual, nº de filhos, rendimento médio mensal da família) e dimensões relativas à adaptação à situação de migração.

### 2- Family Adaptability and Cohesion Evaluation Scale

A FACES-IV é um instrumento de avaliação desenvolvido por Olson, Gorall e Tiesel, que apresenta como principal objetivo a avaliação da perceção do funcionamento familiar em duas dimensões: coesão e flexibilidade. A versão traduzida e validada para população

portugues foi desenvolvida por Sequeira, Vicente, Daniel Cerveira, Silva, Neves, Espírito-Santo e Guadalupe no ano de 2021. No seu conjunto, a FACES IV é constituída por 62 questões de escala Likert que varia entre “discordo totalmente” (1), “discordo” (2), “indeciso” (3), “concordo” (4) e “concordo totalmente” (5). É composta por seis subescalas, duas escalas equilibradas: coesão e flexibilidade, e por quatro desequilibradas: desmembrada e emaranhada, no que respeita à Coesão e – Rígida e Caótica, no que respeita à Flexibilidade. Existem ainda as subescalas da Comunicação e da Satisfação (Olson et al., 2006);(Sequeira et al., 2021).

## **Tabela 7**

### *Distribuição dos itens pelas respectivas subescalas da escala FACES-IV*

<b>Subescalas</b>	<b>Itens</b>	<b>Nº total de itens</b>
<b>Coesão equilibrada</b>	1,7,13,19,25,31,37	7
<b>Flexibilidade equilibrada</b>	2,8,14,20,26,32,38	7
<b>Desmembrada</b>	3,9,15,21,27,33,39	7
<b>Emaranhada</b>	4,10,16,22,28,34,40	7
<b>Rígida</b>	5,11,17,23,29,35,41	7
<b>Caótica</b>	6,12,18,24,30,36,42	7
<b>Comunicação</b>	43,44,45,46,47,48,50,51,52	10
<b>Satisfação</b>	53,54,55,56,57,58,59,60,61,62	10

A subescala Coesão Equilibrada refere-se à ligação emocional entre os vários elementos da família e ao modo como a família equilibra proximidade e separação (e.g. item 19 – os elementos da família consultam-se sobre decisões importantes) (Sequeira et al., 2021).

As subescalas Desmembrada e Emaranhada, avaliam os níveis extremos de Coesão que são considerados desequilibrados na família (e.g. item 21 – quando há um problema para ser resolvido cada um está por sua conta) e (e.g. item 22 – os elementos da família têm pouca necessidade de ter amigos fora da família) (Sequeira et al., 2021).

A subescala Flexibilidade Equilibrada refere-se aos indicadores de flexibilidade ajustada (e.g. item 20 – a minha família é capaz de se ajustar às mudanças quando é necessário) (Sequeira et al., 2021).

As subescalas Rígida e Caótica, avaliam os níveis extremos de Flexibilidade (e.g. item 23 – a nossa família é extremamente organizada) e (e.g. item 24 – é pouco claro quem é responsável pelas tarefas e atividades na nossa família) (Sequeira et al., 2021).

A subescala Comunicação refere-se à comunicação entre os membros da família (e.g. item 43 – na nossa família sentimo-nos satisfeitos com a forma como comunicamos uns com os outros) (Sequeira et al., 2021).

A subescala Satisfação avalia o grau de satisfação que cada elemento da família tem em relação ao seu funcionamento familiar (e.g. item 53 – o grau de proximidade entre os elementos da família) (Sequeira et al., 2021).

A FACES-IV inclui uma grelha de cotação que está apresentada na Figura 2. Para cotar a escala devem-se somar os valores da resposta a cada item, tendo em conta a distribuição dos mesmos. Os resultados baixos nas subescalas de equilíbrio são indicadores de um funcionamento familiar problemático e as pontuações elevadas implicam um funcionamento familiar saudável. No que diz respeito às subescalas desequilibradas, os resultados baixos indicam um funcionamento familiar saudável e as pontuações baixas um funcionamento familiar disfuncional (Olson, 2011).

Grelha de Cotação da FACES IV							Colocar o valor de cada resposta no número correspondente. Somar na vertical para obter o valor de A, B, C, D, E, F (subescalas da FACES IV). Somar todos os valores das escalas comunicação e satisfação. <b>Somatório de valores da P1. a P.52:</b> 1. Discordo fortemente; 2. Discordo; 3. Não concordo nem discordo; 4. Concordo; 5. Concordo fortemente <b>Somatório de valores da P. 53 a P. 62:</b> 1. Muito descontente; 2. Um tanto descontente; 3. Geralmente satisfeito; 4. Muito satisfeito; 5. Extremamente satisfeito
Coesão e Flexibilidade	1.	2.	3.	4.	5.	6.	
	7.	8.	9.	10.	11.	12.	
	13.	14.	15.	16.	17.	18.	
	19.	20.	21.	22.	23.	24.	
	25.	26.	27.	28.	29.	30.	
	31.	32.	33.	34.	35.	36.	
	37.	38.	39.	40.	41.	42.	
<b>Total</b>	<b>A</b> ____	<b>B</b> ____	<b>C</b> ____	<b>D</b> ____	<b>E</b> ____	<b>F</b> ____	
Comunicação	43.	44.	45.	46.	47.	48.	
	49.	50.	51.	52.			
Satisfação	53.	54.	55.	56.	57.	58.	
	59.	60.	61.	62.			

Figura 2. Grelha de cotação da FACES-IV (Olson, 2011)

Na Tabela 8 apresentam-se os valores do *Alfa de Cronbach* obtidos em cada subescala nesta investigação, bem como os valores do *Alfa de Cronbach* obtidos na validação para a população portuguesa (Sequeira et al., 2021) e os valores do *Alfa de Cronbach* obtidos na validação da FACES-IV original (Olson, 2011).



**Tabela 8***Coefficiente da consistência interna das subescalas da FACES-IV*

Subescalas	Alfa de Cronbach	Alfa de Cronbach (Sequeira et al., 2021)	Alfa de Cronbach (Olson, 2011)
<b>Coesão equilibrada</b>	0,742	0,77	0,89
<b>Flexibilidade equilibrada</b>	0,702	0,64	0,84
<b>Desmembrada</b>	0,524	0,74	0,87
<b>Emaranhada</b>	0,403	0,58	0,77
<b>Rígida</b>	0,518	0,65	0,82
<b>Caótica</b>	0,739	0,73	0,86
<b>Comunicação</b>	0,910		
<b>Satisfação</b>	0,956		0,93

### 3- Walsh Family Resilience Questionnaire

A WFRQ Walsh (2006) tem como objetivo avaliar a resiliência familiar em três dimensões– o Sistema de Crenças, os Padrões Organizacionais e a Comunicação e Resolução de Problemas. A escala é constituída por 32 questões do tipo Likert numa escala de 1 a 5, onde (1) “raramente/nunca”, (2) “poucas vezes”, (3) “às vezes”, (4) “frequentemente” e (5) “quase sempre”.

**Tabela 9***Distribuição dos itens pelas respectivas dimensões da escala WFRQ*

Dimensões	Itens	N de itens
Sistema de crenças	1,2,3,4,5,6,7,9,15,16,17,18,24,25,26,29	16
Padrões de organização	8,10,11,12,13,14, 27,28,30,31	10
Comunicação e resolução de problemas	19,20,21,22,23,32	6

Segundo Walsh (2006), o *Sistema de Crenças* remete para uma perspetiva positiva, como esperança e aceitar o que não pode ser mudado e tolerar a incerteza; transcendência e espiritualidade; e encontrar significado na adversidade, contextualizar o *stress* e ver a crise como um desafio significativo, compreensível e possível de gerir (e.g. item 3 – *abordamos uma crise como um desafio que conseguimos gerir e superar se partilharmos esforços*).

Os *Padrões Organizacionais* da família, dizem respeito a uma abertura à mudança, à flexibilidade, à conetividade e à identificação/utilização dos recursos disponíveis (e.g.

item 13 – *acreditamos que podemos aprender e fortalecer-nos através dos desafios que enfrentamos*) (Walsh, 2006).

A dimensão *Comunicação e Resolução de Problemas*, implica uma comunicação saudável, com mensagens claras e a partilha de eventos/sentimentos dolorosos. Esta dimensão comunicacional implica a aceitação das diferenças entre os elementos da família e incentiva a liberdade de expressão emocional (e.g. item 32 – *planeamos e preparamo-nos para o futuro e tentamos prevenir crises*) (Walsh, 2006).

Na Tabela 9 apresentam-se os valores do *Alfa de Cronbach* obtidos em cada dimensão nesta investigação, assim como o *Alfa de Cronbach* da versão italiana.

### **Tabela 10**

*Coefficiente da consistência interna das dimensões da WFRQ*

<b>Dimensões</b>	<i>Alfa de Cronbach</i>	<i>Alfa de Cronbach (Rocchi et al., 2017)</i>
<b>Sistema de Crenças</b>	0,959	0,928
<b>Padrões Organizacionais</b>	0,945	0,863
<b>Comunicação e Resolução de Problemas</b>	0,848	0,946

### **Análise Estatística**

Para a análise estatística dos dados recorreu-se ao programa informático *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS), versão 26 para Windows. Os procedimentos estatísticos foram definidos de acordo com os objetivos e com o tipo de variáveis em questão.

## **Resultados**

### **Perceção de adaptação em relação à migração**

Os sujeitos foram questionados quanto à sua adaptação em várias dimensões ao processo de migração. Os resultados encontram-se na Tabela 11. Apesar de não existirem diferenças estatisticamente significativas entre os grupos, observa-se que os sujeitos Angolanos são os que melhor se adaptam nas várias dimensões, seguindo-se os moçambicanos nas questões legais, de trabalho/estudo e língua, os cabo-verdianos na dimensão da cultura e inserção social. Os sujeitos brasileiros apresentam as médias mais baixas em todas as dimensões de adaptação avaliadas.

**Tabela 11***Adaptação em relação a migração em função da nacionalidade (N=168)*

	Angolana (46)	Brasileira (31)	Cabo-verdiana (31)	Guineense (30)	Moçambicana (30)	Total (168)
	n (%)	n (%)	n (%)	n (%)	n (%)	n (%)
<b>Questões legais</b>						
Muito má (1)	2 (4,3)	-	-	-	-	2 (1,2)
2	3 (6,5)	9 (29,0)	1 (3,2)	2 (6,7)	4 (13,3)	19 (11,3)
3	<b>23 (50,0)</b>	<b>16 (51,6)</b>	<b>25 (80,6)</b>	<b>23 (76,7)</b>	<b>16 (53,3)</b>	<b>103 (61,3)</b>
4	9 (19,6)	2 (6,5)	3 (9,7)	4 (13,3)	4 (13,3)	22 (13,1)
Muito boa (5)	9 (19,6)	4 (12,9)	2 (6,5)	1 (3,3)	6 (20,0)	22 (13,1)
	<b>M= 3,43</b>	<b>M= 3,03</b>	<b>M= 3,19</b>	<b>M= 3,13</b>	<b>M= 3,40</b>	<b>M= 3,26</b>
<b>Trabalho/estudo</b>						
Muito má (1)	-	1 (3,2)	-	-	-	1 (0,6)
2	6 (13,0)	8 (25,8)	1 (3,2)	3 (10,0)	3 (10,0)	21 (12,5)
3	<b>23 (50,0)</b>	<b>17 (54,8)</b>	<b>25 (80,6)</b>	<b>20 (66,7)</b>	<b>21 (70,0)</b>	<b>106 (63,1)</b>
4	9 (19,6)	3 (9,7)	4 (12,9)	5 (16,7)	2 (6,7)	23 (13,7)
Muito boa (5)	8 (17,4)	2 (6,5)	1 (3,2)	2 (6,7)	4 (13,3)	17 (10,1)
	<b>M= 3,41</b>	<b>M= 2,90</b>	<b>M= 3,16</b>	<b>M= 3,20</b>	<b>M= 3,23</b>	<b>M= 3,20</b>
<b>Cultura</b>						
Muito má (1)	2 (4,3)	1 (3,2)	-	-	-	3 (1,8)
2	9 (19,6)	12 (38,7)	3 (9,7)	7 (23,3)	9 (30,0)	40 (23,8)
3	<b>20 (43,5)</b>	<b>16 (51,6)</b>	<b>28 (90,3)</b>	<b>23 (76,7)</b>	<b>19 (63,3)</b>	<b>106 (63,1)</b>
4	11 (23,9)	1 (3,2)	-	-	2 (6,7)	12 (7,1)
Muito boa (5)	4 (8,7)	1 (3,2)	-	-	-	7 (4,2)
	<b>M= 3,13</b>	<b>M= 2,65</b>	<b>M= 2,90</b>	<b>M= 2,77</b>	<b>M= 3,83</b>	<b>M= 2,88</b>
<b>Inserção social</b>						
Muito má (1)	3 (6,5)	1 (3,2)	-	-	-	4 (2,4)
2	7 (15,2)	13 (41,9)	3 (9,7)	6 (20,0)	10 (33,3)	39 (23,2)
3	<b>23 (50,0)</b>	<b>14 (45,2)</b>	<b>28 (90,3)</b>	<b>24 (80,0)</b>	<b>18 (60,0)</b>	<b>107 (63,7)</b>
4	8 (17,4)	2 (6,5)	-	-	2 (6,7)	10 (6,0)
Muito boa (5)	5 (10,9)	1 (3,2)	-	-	-	8 (4,8)
	<b>M= 3,11</b>	<b>M= 2,65</b>	<b>M= 2,90</b>	<b>M= 2,80</b>	<b>M= 2,80</b>	<b>M= 2,88</b>
<b>Língua</b>						
Muito má (1)	1 (2,2)	-	-	-	-	1 (0,6)
2	1 (2,2)	13 (41,9)	2 (6,5)	3 (10,0)	4 (13,3)	23 (13,7)
3	<b>18 (39,1)</b>	<b>16 (51,6)</b>	<b>27 (87,1)</b>	<b>23 (76,7)</b>	<b>22 (73,3)</b>	<b>106 (63,1)</b>
4	16 (34,8)	1 (3,2)	2 (6,5)	4 (13,3)	2 (6,7)	25 (14,9)
Muito boa (5)	10 (21,7)	1 (3,2)	-	-	2 (6,7)	13 (7,7)
	<b>M= 3,72</b>	<b>M= 2,68</b>	<b>M= 3,00</b>	<b>M= 3,03</b>	<b>M= 3,07</b>	<b>M= 3,15</b>

Nota. N = amostra total; n = nº de participantes; % = percentagem de participantes; M = Média

## **Percepção do Funcionamento Familiar em contexto de migração**

Foram avaliadas as diferenças nas pontuações da FACES-IV, nas várias nacionalidades dos participantes (Tabela 12). Apesar de não se verificarem diferenças estatisticamente significativas, nas subescalas equilibradas *Coesão* e *Flexibilidade*, os participantes de nacionalidade brasileira apresentam valores mais altos Coesão (M = 29,77), seguindo-se os Moçambicanos (M = 29,67), os Angolanos (M = 28,61), os Guineeses (M = 28,83), e, por fim, os Cabo-verdianos (M = 28,39). Quanto à flexibilidade, os Brasileiros apresentam o valor mais altos (M = 28,67), seguindo-se os Angolanos (M = 28,39), os Cabo-verdianos (M = 28,32), os Moçambicanos (M = 28,61) e, por fim, a nacionalidade Guineense (M = 27,87).

Relativamente às subescalas desequilibradas, os valores são na generalidade baixos, ou seja, os participantes não percebem as suas famílias como disfuncionais. Os participantes Angolanos têm os valores mais altos nas subescalas *Desmembrada* (M = 15,17), *Emaranhada* (M = 18,50), *Caótica* (M = 13,78). Na subescala rígida os Moçambicanos têm o valor mais alto (M = 23,03) e os Angolanos o mais baixo (M = 21,59).

**TABELA 12***Subescalas equilibradas e desequilibradas da FACES-IV e Nacionalidade (N = 168)*

	FACES-IV											
	Subescalas equilibradas				Subescalas desequilibradas							
	Coesão		Flexibilidade		Desmembrada		Emaranhada		Rígida		Caótica	
<b>Nacionalidade</b>	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP
Angolana (n=46)	28,61	2,887	28,39	2,793	<b>15,17</b>	2,610	<b>18,50</b>	2,447	21,59	3,159	<b>13,78</b>	2,788
Brasileira (n=31)	<b>29,77</b>	1,892	<b>28,67</b>	1,726	13,81	2,482	17,90	2,925	21,71	2,610	12,13	3,201
Cabo-verdiana (n=31)	28,39	1,498	28,32	1,376	13,42	2,446	17,35	1,854	22,03	1,622	11,52	3,285
Guineense (n=30)	28,83	1,663	27,87	1,167	13,23	2,144	17,37	2,906	<b>22,47</b>	2,193	11,77	3,360
Moçambicana (n=30)	29,67	2,881	28,61	2,998	13,83	4,251	17,50	2,286	23,03	3,327	13,40	5,223
<b>F</b>	2,138 <sup>NS</sup>		0,520 <sup>NS</sup>		3,335 <sup>NS</sup>		2,867 <sup>NS</sup>		1,911 <sup>NS</sup>		2,611 <sup>NS</sup>	

Nota. N = amostra total; n = nº de participantes; M = Média; DP = Desvio Padrão; T = Teste t; FACES-IV = Escala de Avaliação da Adaptabilidade e da Coesão Familiar versão IV; \* p < 0,05; \*\* p < 0,01; \*\*\*p < 0,001; <sup>NS</sup> = Não significativo

Na Tabela 13, observa-se que os valores mais altos nas subescalas da *Comunicação* são apresentados pelos participantes Moçambicanos ( $M = 41,07$ ) e de seguida os Brasileiras ( $M = 40,65$ ). Os Brasileiros são quem está mais satisfeito com a família ( $M = 40,71$ ), seguindo-se os Moçambicanos ( $M = 40,17$ ). Os Cabo-verdianos apresentam os valores mais baixos tanto na comunicação ( $M = 39,68$ ) como na satisfação ( $M = 38,13$ ).

**Tabela 13**

*Subescalas da comunicação e da satisfação e nacionalidade (N = 168)*

Nacionalidade	FACES-IV			
	Comunicação		Satisfação	
	M	DP	M	DP
Angolana (n=46)	39,87	4,569	39,63	4,307
Brasileira (n=31)	<b>40,65</b>	2,274	<b>40,71</b>	4,189
Cabo-verdiana (n=31)	39,68	2,868	38,13	4,072
Guineense (n=30)	39,97	2,810	39,07	4,756
Moçambicana (n=30)	41,07	6,389	40,17	6,131

*Nota.* N = amostra total; n = nº de participantes; M = Média; DP = Desvio Padrão; T= Test T; FACES-IV = Escala de Avaliação da Adaptabilidade e da Coesão Familiar versão IV; \*  $p < 0,05$ ; \*\*  $p < 0,01$ ; \*\*\*  $p < 0,001$ ; NS = Não significativo

A tabela 14 apresenta os resultados das subescalas da FACES-IV em função de se pertencer ou não a uma família acordeão. Os sujeitos que não têm uma família acordeão percecionam a família como tendo um funcionamento equilibrado, com médias mais elevadas quanto à coesão ( $M = 29,30$ ) e flexibilidade ( $M = 28,44$ ) em comparação com aqueles que têm uma família deste tipo ( $M_{coesão} = 28,34$ ;  $M_{flexibilidade} = 28,22$ ). Nas subescalas desequilibradas, os resultados são baixos nos dois casos, revelando baixa perceção de desequilíbrio familiar, mas quem tem uma família acordeão perceciona maior desmembramento, e quem não tem, perceciona maior emaranhamento, rigidez e caoticidade.

**Tabela 14***Subescalas da FACES-IV e família acordeão (N = 168)*

	FACES-IV											
	Subescalas equilibradas						Subescalas desequilibradas					
	Coesão		Flexibilidade		Desmembrada		Emaranhada		Rígida		Caótica	
Família acordeão	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP
Sim	28,34	1,791	28,22	1,730	<b>14,34</b>	2,344	17,52	2,140	22,00	1,917	12,52	3,284
Não	<b>29,30</b>	2,502	<b>28,44</b>	2,377	13,87	3,128	<b>17,92</b>	2,669	<b>22,15</b>	3,009	<b>12,68</b>	3,832
<b>T</b>	-2,449 <sup>NS</sup>		-0,593 <sup>NS</sup>		0,948 <sup>NS</sup>		-0,928 <sup>NS</sup>		-0,331 <sup>NS</sup>		-0,254 <sup>NS</sup>	

Nota. N = amostra total; n = nº de participantes; M = Média; DP = Desvio Padrão; T= Test T; FACES-IV = Escala de Avaliação da Adaptabilidade e da Coesão Familiar versão IV; \* p < 0,05; \*\* p < 0,01; \*\*\*p < 0,001; NS = Não significativo

Em relação a percepção de comunicação e satisfação, os sujeitos que não pertencem numa família acordeão têm médias mais altas, existindo diferenças estatisticamente significativas ao nível da satisfação ( $p = 0,05$ ),

**Tabela 15***Subescalas da comunicação e satisfação da FACES-IV e família acordeão (N = 168)*

Família acordeão	FACES-IV			
	Comunicação		Satisfação	
	M	DP	M	DP
Sim	39,84	3,431	38,32	5,280
Não	<b>40,36</b>	4,347	<b>40,07</b>	4,385
<b>T</b>	-0,758 <sup>NS</sup>		<b>-2,218*</b>	

Nota. N = amostra total; n = nº de participantes; M = Média; DP = Desvio Padrão; T= Test T; FACES-IV = Escala de Avaliação da Adaptabilidade e da Coesão Familiar versão IV; \* p < 0,05; \*\* p < 0,01; \*\*\*p < 0,001; NS = Não significativo

A tabela 16 apresenta os resultados das subescalas da FACES-IV em função da posição que os participantes ocupam nas suas famílias. Existem diferenças estatisticamente significativas ao nível da *coesão* ( $p < 0,001$ ). Os sujeitos que ocupam a posição de pai/esposo apresentam médias mais altas na *coesão* (M = 31,77) e na *flexibilidade* (M = 29,38). Nas *subescalas desequilibradas*, os resultados são baixos, revelando baixa percepção de desequilíbrio familiar.

**Tabela 16**

*Subescalas da FACES-IV da posição na família (N=168)*

Posição na família	FACES-IV											
	Subescalas equilibradas				Subescalas desequilibradas							
	Coesão		Flexibilidade		Desmembrada		Emaranhada		Rígida		Caótica	
	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP
Mãe	28,60	1,430	28,10	2,998	13,30	2,263	17,10	2,644	21,90	1,101	12,50	3,308
Esposa/companheira	29,60	1,844	27,93	1,387	14,20	2,075	18,27	3,432	<b>22,47</b>	2,615	13,00	3,443
Mãe/esposa	29,12	2,205	28,52	2,801	12,72	2,574	17,48	2,568	21,80	2,598	11,48	3,525
Esposo/companheiro	<b>31,77</b>	2,166	<b>29,38</b>	1,557	12,92	1,656	17,31	1,601	22,00	1,780	12,54	2,537
Pai/Esposo	28,97	2,560	28,77	2,433	14,33	3,593	<b>18,00</b>	2,791	22,21	3,139	12,38	3,739
Filho	28,38	2,154	28,03	1,873	<b>14,59</b>	2,695	17,89	2,268	22,14	2,919	<b>13,17</b>	3,897
<b>H</b>	<b>25,864***</b>		11,471 <sup>NS</sup>		12,440 <sup>NS</sup>		2,197 <sup>NS</sup>		0,700 <sup>NS</sup>		4,799 <sup>NS</sup>	

Nota. N = amostra total; n = nº de participantes; M = Média; DP = Desvio Padrão; K= Kruskal wallis; FACES-IV = Escala de Avaliação da Adaptabilidade e da Coesão Familiar versão IV; \* p < 0,05; \*\* p < 0,01; \*\*\*p < 0,001; <sup>NS</sup> = Não significativo

Igual tendência se observa quanto à percepção de comunicação e satisfação, estando os participantes satisfeitos com a família e percebendo elevada comunicação, os esposos/companheiros apresentam médias ligeiramente mais elevadas ( $M_{comunicação}=42,23$ ,  $M_{satisfação}=42,92$ ) sem que se observem diferenças estatisticamente significativas entre os grupos.

**Tabela 17**

*Subescalas da comunicação e da satisfação em função da posição na família*

Posição na família	FACES-IV			
	Subescala da comunicação		Subescala da satisfação	
	M	DP	M	DP
Mãe	39,00	8,433	39,10	8,425
Esposa/companheira	40,60	1,352	40,20	4,395
Mãe/esposa	40,72	3,525	40,80	3,742
Esposo/companheiro	<b>42,23</b>	3,789	<b>42,92</b>	3,989
Pai/Esposo	40,41	3,298	39,56	3,315
Filho	39,59	3,791	38,32	4,928
<b>K</b>	11,036 <sup>NS</sup>		20,206 <sup>NS</sup>	

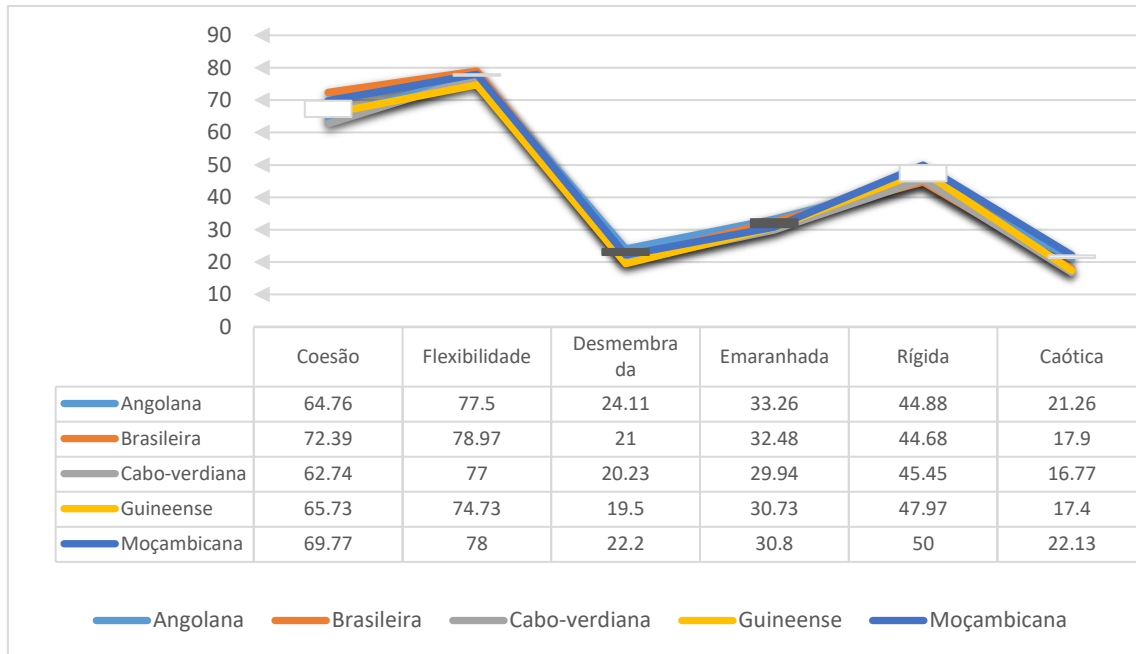
Nota. N = amostra total; n = nº de participantes; M = Média; DP = Desvio Padrão; K= Kruskal wallis; FACES-IV = Escala de Avaliação da Adaptabilidade e da Coesão Familiar versão IV; \* p < 0,05; \*\* p < 0,01; \*\*\*p < 0,001; <sup>NS</sup> = Não significativo

A Figura 3 representa o cálculo do *Cluster* em que os participantes deste estudo se encontram em função da nacionalidade, obtido através dos percentis médios em cada subescala. Verifica-se que os cinco grupos de nacionalidades se enquadram no *Cluster 1*: Famílias Equilibradas (Olson e Gorall, 2006).



**Figura 3**

Perfil dos participantes em função da nacionalidade: resultados das subescalas da FACES-IV



### Perceção da Resiliência Familiar em contexto de migração

Analisou-se a relação entre a perceção da resiliência familiar nacionalidade, e conclui-se que não existem diferenças estatisticamente significativas nas três dimensões da resiliência. A nacionalidade brasileira apresenta valores mais altos na dimensão sistema de crenças ( $M = 66,00$ ), seguida da Moçambicana ( $M = 65,23$ ), a nacionalidade guineense apresenta os valores mais baixos nesta dimensão ( $M = 61,60$ ).

A nacionalidade moçambicana apresenta valores médios mais altos na dimensão *Padrões Organizacionais* ( $M = 40,93$ ), a guineense apresenta os valores mais baixos ( $M = 38,53$ ), e a moçambicana apresenta valores mais altos na dimensão *Comunicação e Resolução de Problemas* ( $M = 23,50$ ), sendo os valores mais baixos apresentados pela nacionalidade guineense ( $M = 22,40$ ).

**Tabela 18***Dimensões da WFRQ e nacionalidade (N = 168)*

Nacionalidade	WFRQ					
	Sistema de Crenças		Padrões Organizacionais		Comunicação e resolução de problemas	
	M	DP	M	DP	M	DP
Angolana (n=46)	65,13	7,308	40,26	4,621	22,54	2,738
Brasileira (n=31)	<b>66,00</b>	8,112	40,71	4,968	23,06	3,803
Cabo-verdiana (n=31)	62,97	5,030	39,10	3,048	22,94	1,965
Guineense (n=30)	61,60	5,811	38,53	3,803	22,40	2,372
Moçambicana (n=30)	65,23	10,207	<b>40,93</b>	6,762	<b>23,50</b>	3,928
<b>F</b>	1,654 <sup>NS</sup>		1,165 <sup>NS</sup>		0,725 <sup>NS</sup>	

Nota. N = amostra total; M = Média; DP = Desvio Padrão; T = Test T; WFRQ = *Questionário de Resiliência Familiar de Walsh*; \*  $p < 0,05$ ; \*\*  $p < 0,01$ ; \*\*\* $p < 0,001$ ; <sup>NS</sup> = Não significativo

Observa-se na tabela 19 a análise das diferenças nas dimensões do questionário de resiliência dos participantes que têm ou não uma família acordeão. Não se evidenciam diferenças estatisticamente significativas, ainda assim, os participantes que não têm uma família acordeão pontuam médias mais altas nas dimensões de *Sistema de crenças* ( $M = 65,09$ ), *padrões organizacionais* ( $M = 40,47$ ) já na dimensão de *comunicação e resolução de problemas*, os sujeitos com estas famílias têm a média mais alta ( $M = 22,38$ ).

**Tabela 19***Dimensões da WFRQ e família acordeão (N = 168)*

Família acordeão	WFRQ					
	Sistema de crenças		Padrões organizacionais		Comunicação e resolução de problemas	
	M	DP	M	DP	M	DP
Sim	62,36	7,850	38,70	4,846	<b>22,38</b>	2,906
Não	<b>65,09</b>	7,324	<b>40,47</b>	4,713	22,06	3,056
<b>T</b>	-2,165 <sup>NS</sup>		-2,202 <sup>NS</sup>		-1,336 <sup>NS</sup>	

Nota. N = amostra total; M = Média; DP = Desvio Padrão; T = Test T; WFRQ = *Questionário de Resiliência Familiar de Walsh*; \*  $p < 0,05$ ; \*\*  $p < 0,01$ ; \*\*\* $p < 0,001$ ; <sup>NS</sup> = Não significativo

Observa-se na tabela 19 a análise das diferenças nas dimensões do questionário de resiliência em função da posição que os participantes ocupam nas suas famílias. Não se evidenciou diferenças estatisticamente significativas, ainda assim, as *mães/esposas* apresentam valores médios mais elevados nas dimensões *Sistema de crenças* ( $M = 67,64$ ), e *comunicação e resolução de problemas* ( $M = 23,72$ ), na dimensão *padrões organizacionais* os *esposos/maridos* têm médias mais elevadas ( $M = 42,00$ ).

**Tabela 19***Dimensões da WFRQ e posição na família (168)*

Posição na família	WFRQ					
	Sistema de crenças		Padrões organizacionais		Comunicação e resolução de problemas	
	M	DP	M	DP	M	DP
Mãe	64,70	13,768	39,40	8,553	23,00	5,185
Esposa/companheira	66,40	5,235	40,87	3,204	22,53	3,294
Mãe/esposa	<b>67,64</b>	5,552	41,44	2,042	<b>23,72</b>	2,424
Esposo/companheiro	66,77	5,199	<b>42,00</b>	3,742	23,46	2,367
Pai/Esposo	64,46	5,399	40,26	3,006	23,13	1,963
Filho	61,86	8,300	38,65	5,425	22,30	3,342
<b>K</b>	18,458 <sup>NS</sup>		8,973 <sup>NS</sup>		5,301 <sup>NS</sup>	

Nota. N = amostra total; M = Média; DP = Desvio Padrão; K = Kruskal wallis; WFRQ = *Questionário de Resiliência Familiar de Walsh*; \*  $p < 0,05$ ; \*\*  $p < 0,01$ ; \*\*\* $p < 0,001$ ; <sup>NS</sup> = Não significativo

### Discussão dos Resultados

Em contexto de crise, como é o caso da migração, as famílias são particularmente desafiadas. O objetivo deste estudo é estudar a percepção do funcionamento e resiliência familiar, na migração, em diferentes nacionalidades.

Os resultados apresentados permitem concluir que:

- 1) Os sujeitos Angolanos são os que melhor se adaptam nas várias dimensões, seguindo-se os moçambicanos nas questões legais, de trabalho/estudo e língua, os cabo-verdianos na dimensão da cultura e inserção social. Os sujeitos brasileiros parecem perceber menor adaptação.
- 2) Os participantes, independentemente da nacionalidade, percebem o seu funcionamento familiar como equilibrado – inserem-se no *Cluster 1*: Famílias Equilibradas e não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os participantes das várias nacionalidades, embora os Brasileiros sejam quem apresenta médias mais elevadas na coesão e adaptabilidade e na satisfação e comunicação familiar.
- 3) Os sujeitos que não têm uma família acordeão estão mais satisfeitos com a sua família em comparação aos que pertencem a uma família acordeão, apresentam valores médios mais elevados nas escalas equilibradas da FACES-IV e também na resiliência, com exceção da *comunicação e resolução de problemas*, em comparação aos que pertencem a uma família acordeão embora na se encontrem diferenças estatisticamente significativas entre os grupos.
- 4) Os participantes que ocupam a posição de *Pai/esposo* apresentam valores médios mais altos na *subescala coesão* da FACES-IV.

De acordo com Reis et al., (2020) a nacionalidade brasileira apresenta maior fluxo de migração em Portugal. Apesar disso, os participantes brasileiros percebem níveis mais baixos de adaptação em comparação as outras nacionalidades. Este facto pode estar relacionado com questões culturais, questões da língua, que apesar de ser o português, é relativamente diferente. Os participantes angolanos são os que melhor se adaptam, talvez devidos as heranças culturais e laços mantidos entre Angola e Portugal, hábitos e costumes adotados pelos sujeitos angolanos associados ao colonialismo e pelas relações de proximidade que existem entre os dois países, facilitando a adaptação, evitando os processos de aculturação e facilitando a existência de um Eu intercultural (Vieira e Trindade, 2008).

Apesar de não se verificarem diferenças estatisticamente significativas, nas subescalas equilibradas *Coesão* e *Flexibilidade*, os participantes de nacionalidade brasileira parecem perceber maiores níveis de *Coesão* e *flexibilidade*. Os sujeitos brasileiros estão mais satisfeitos com a família, neste caso, este dado pode estar associado também ao facto de os participantes brasileiros não pertencerem a famílias acordeão, que enfrentam outras dificuldades, além das questões relacionadas à migração, uma vez que os processos transacionais implicam alguma deterioração das relações familiares (Carvajal, 2014).

Relativamente aos valores mais elevados na subescala desequilibrada *rígida*, podem ser explicados porque nas famílias equilibradas, a rigidez moderada pode ser adaptativa, estando associada à *coesão* equilibrada e à *flexibilidade* equilibrada (Everri et al., 2016). Quanto a percepção de *comunicação* e *satisfação*, os participantes de todas as nacionalidades estão satisfeitos com a família e percebem níveis elevados de *comunicação*.

Este resultado poderá estar relacionado com o facto de as famílias, apesar dos desafios que a migração acarreta, possuírem recursos internos e externos que lhes possibilitam adotar uma resposta adaptativa à situação familiar (Quesada, 2003). Além disso, a migração, enquanto situação de *stress* e adversidade, pode servir como uma ocasião de oportunidade e/ou risco, sobretudo quando esta acontece que se prendem com situações consideradas positivas, como a reunificação familiar e as situações de melhoria em termos académicos e de trabalho. Nestes casos a adaptação será mais fácil e é sempre desejada. Sendo as famílias das diferentes nacionalidades inquiridas com elevada *coesão* e capacidade de mudança, à partida, conseguirão ajustar-se aos desafios que lhe forem surgindo, promovendo a adaptação e mudança ao longo do tempo. O facto de a maioria

dos participantes estar em Portugal há já algum tempo, de poderá ajudar a explicar a percepção de funcionamento familiar ajustado e também de resiliência o que se hipotetiza ter impacto no seu grau de adaptação e vice-versa.

Os participantes que não pertencem a uma família acordeão percebem melhor funcionamento familiar e maiores níveis de resiliência, este resultado poderá estar ligado ao facto de as famílias acordeão funcionarem muitas vezes como uma família monoparental, ou seja, o facto de um dos pais ter de assumir sozinho as tarefas do subsistema parental pode levar a uma baixa percepção de suporte parental, sentimentos de falta de proteção e atenção, afetando não apenas o subsistema filial mas também a conjugalidade (Hoffman, 1985). As famílias acordeão enfrentam desafios que se prendem com a inconstância das funções e da estrutura familiar, que podem ser complexas e que exigem constantes processos de ajuste e evolução, de forma a fazer face aos tempos em conjunto e separados e às dinâmicas que é preciso ajustar. Também a entrada e saída regular de membros da família, apesar de se constituir como um padrão, tem implicações na *satisfação*, sobrecarga e na *coesão* da família, pois, a instabilidade das rotinas e ciclos sazonais dificulta todos estes processos, o que justifica os resultados mais baixos destas famílias.

Os participantes que ocupam a posição de *pais/maridos* na família apresentam maior percepção de *coesão*. Este resultado é bastante interessante e poderá ter que ver com o facto de serem homens, uma vez que os homens no geral percebem a família como mais coesa e mais flexível em comparação como as mulheres, como é mencionado no estudo de Tsibidaki (2020) que explora o funcionamento familiar (adaptação e coesão). Os resultados deste estudo indicam que os pais percebem maior funcionamento em comparação com as mães.

Os resultados deste estudo apontam para a importância das crenças e significados, da esperança, espiritualidade e sentido de vida, como fatores que influenciam no processo de avaliação dos eventos estressantes. A resiliência é um conceito que emprega valores e significados próprios da cultura em que se insere. Fatores de risco e protetores são diferentes dependendo da população e de suas origens. Desta forma o significado da resiliência, fatores protetores e fatores de risco, pode ser diferente para diferentes populações (Sousa et al., 2006). Apesar dos desafios acarretados pela situação de migração, as famílias possuem recursos internos e externos que lhes possibilitam adotar uma resposta adaptativa à situação familiar. Além disso, a migração enquanto momento

de *stress* e adversidade, pode constituir uma ocasião de oportunidade e/ou risco (Walsh, 1996).

### **Conclusões**

Este estudo permitiu concluir que os sujeitos das famílias de diferentes nacionalidades apresentam percepção de um funcionamento familiar coeso, flexível e evidenciam satisfação com as suas famílias. Percebem também as suas famílias como resilientes na forma como percebem a crise que é a migração, como se organizam, os recursos de que dispõem para a enfrentar e nas estratégias comunicacionais que utilizam.

É latente a necessidade de mais estudos no sentido de se compreender a dinâmica que envolve os processos de aculturação de migrantes. Esta investigação contribui para a crescente literatura que busca identificar tais especificidades. No entanto, assim como em todos os trabalhos de investigação, este estudo possui várias limitações. A primeira limitação metodológica, e sem dúvida a mais importante, deve-se ao tamanho da amostra, que se revelou significativamente mais reduzida do que o previsto, tendo por isso limitada a exploração de diferentes variáveis e coloca algumas cautelas às conclusões apresentadas sobre a relação entre as nacionalidades, funcionamento e resiliência.

Face à escassez de estudos na área das migrações, funcionamento e resiliência familiar, este trabalho fica limitado nas comparações que são possíveis fazer, mas apresenta-se como um contributo novo e pertinente como área de estudos futuros.

O estudo em causa sugere algumas implicações clínicas, especificamente para as famílias migrantes que são famílias acordeão. Sugere-se a disponibilização de uma rede social de apoio na intervenção com estas famílias, numa abordagem colaborativa, ativando todos os apoios e através de uma leitura multidisciplinar das dificuldades e intervenções numa lógica de resposta à crise que vivem, uma vez que as famílias migrantes, especialmente as transacionais apresentam dinâmicas que precisam de ser consideradas pela sociedade de acolhimento.

A intervenção clínica deverá implicar o fortalecimento da *coesão*, entre os elementos e a promoção de padrões de funcionamento mais flexíveis, tendo em vista a promoção de uma maior capacidade de adaptação às circunstâncias específicas que enfrentam.

Outro foco da intervenção deverá ser a construção de uma perspectiva resiliente da própria família, como enfatizar momentos e histórias de familiares resilientes que amplifiquem a visão de capacidade e competência que se constituam como recursos a serem ativados em situações futuras.

## Referências Bibliográficas

- Alarcão, M. (2006). *(Des)Equilíbrios Familiares* (3.<sup>a</sup> ed.). Quarteto.
- Agostinho, A. C. M. A. L. (2009). Filhos na escola e filhos adultos: a relação entre funcionamento familiar, parentalidade e resiliência. 88. <http://repositorio.ul.pt/handle/10451/2195>
- Albert, I., & Coimbra, S. B. (2017). Family Cultures in The Context of Migration and Ageing. 205–222. <https://doi.org/10.1007/s12124-017-9381-y>
- Almedom, A., Tesfamichael, B., Mohammed, Z., Mascie-Taylor, N., Muller, J., & Alemu, Z. (2005). Prolonged displacement may compromise resilience in Eritrean mothers. *African Health Sciences*, 5(4), 310–314. <https://doi.org/10.5555/afhs.2005.5.4.310>
- Almeida, H. J. (2021). Burnout Parental A influência da resiliência familiar e de variáveis sociodemográficas Burnout Parental A influência da resiliência familiar e de variáveis sociodemográficas.
- Babatunde-sowole, O., Power, T., Jackson, D., Patricia, M., Digiacomio, M., Power, T., Jackson, D., & Patricia, M. (2016). Resilience of african migrants: an integrative review. 9332(April). <https://doi.org/10.1080/07399332.2016.1158263>
- Barnes, H., & Olson, M. (1985). Parent-adolescent communication and the circumplex model. *Journal of Child and Family Studies*, 56, 438-447
- Becker, A. P. S., & Borges, L. M. (2015). Dimensões psicossociais da imigração no contexto familiar. *Bol. Acad. Paul. Psicol. (Impr.)*, 35(88), 126–144. <http://redalyc.org/articulo.oa?id=94640400009>
- Bermeja, A. I., & Ausín, B. (2018). Programs to combat loneliness in the institutionalised elderly: A review of the scientific literature. *Revista Espanola de Geriatria y Gerontologia*, 53(3), 155–164. <https://doi.org/10.1016/j.regg.2017.05.006>
- Bhugra, D., & Becker, M. A. (2005). Migration, cultural bereavement and cultural identity. *World Psychiatry : Official Journal of the World Psychiatric Association (WPA)*, 4(1), 18–24. <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/16633496> <http://www.pubmedcentral.nih.gov/articlerender.fcgi?artid=PMC1414713>
- Carvalho, E. (2017). Fronteira (in)visível da migração: uma narrativa de seis famílias

migradas com crianças em idade escolar.

Carvalho, E., Ferreira, E., & Correia, J. A. (2016). O que mais nos causava alguma ansiedade era a adaptação dos filhos à escola’: a migração em famílias. *Angewandte Chemie International Edition*, 6(11), 951–952., 5–24.

Carvajal, J. (2014). Las familias transnacionales. *Revista Espacios Transnacionales*. <http://espaciostransnacionales.org/wp-content/uploads/2014/11/6-Familias-Transnac.pdf>

Cerveira, C. M. (2015). *Perceção de funcionamento familiar nas diferentes configurações familiares* [Instituto Superior Miguel Torga]. <https://bityli.com/RwgWZF>

Chen, J. Y., & Clark, M. J. (2010). Family resources and parental health in families of children with Duchenne muscular dystrophy. *The Journal of Nursing Research : JNR*, 18(4), 239–248. <https://doi.org/10.1097/jnr.0b013e3181fbc37b>

Di Pietro, M. L., Zaçe, D., Sisti, L. G., Frisicale, E. M., Corsaro, A., Gentili, A., Giraldi, L., Bruno, S., & Boccia, S. (2021). Development and validation of a questionnaire to assess Unaccompanied Migrant Minors’ needs (AEGIS-Q). *European Journal of Public Health*, 31(2), 313–320. <https://doi.org/10.1093/eurpub/ckaa184>

Edelblute, H. B., & Altman, C. E. (2021). Depressive symptoms among mothers with young children—the role of family migration and social networks in Mexico. *Journal of Mental Health*, 30(2), 232–239. <https://doi.org/10.1080/09638237.2020.1739237>

Esses, V. M. (2021). Immigration , Migration , and Culture. *March 2018*, 1–15.

Estrela, P. (2009). Breve caracterização da imigração em Portugal. *Revista Portuguesa de Clínica Geral*, 25(1), 40–44. <https://doi.org/10.32385/rpmgf.v25i1.10589>

Everri, M., Mancini, T., & Fruggeri, L. (2016). The role of rigidity in adaptive and maladaptive families assessed by FACES IV: The points of view of adolescents. *Journal of Child and Family Studies*, 25(10), 2987–2997. <https://doi.org/10.1007/s10826-016-0460-3>

Fonseca, M. L., Ormond, M., Malheiros, J., Patrício, M., & Martins, F. (2005). Reunificação Familiar e imigração em Portugal.

Franken, I., Coutinho, M. da P. de L., & Ramos, M. N. P. (2012). Representações sociais,



- saúde mental e imigração internacional. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 32(1), 202–219. <https://doi.org/10.1590/s1414-98932012000100015>
- Gatt, J. M., Alexander, R., Emond, A., Foster, K., Had, K., Mason-jones, A., Reid, S., Theron, L., & Ungar, M. (2020). *Trauma , resilience , and mental health in Migrant and non-migrant Youth : an international cross- sectional study across Six countries*. 10(March), 1–15. <https://doi.org/10.3389/fpsy.2019.00997>
- Goldman, Ian. and Pabari, M. (2021). Aletranje: a pertinência da família na ampliação do espaço social transacional haitiano – o brasil como uma nova baz. *Computers and Industrial Engineering*, 2(January), 1–39. <http://ieeauthorcenter.ieee.org/wp-content/uploads>
- Golgher, A. B. (2004). Fundamentos da migração. 49.
- Gómez, E., & Kotliarenco, M. A. (2010). Resiliencia Familiar: un enfoque de investigación e intervención con familias multiproblemáticas. *Revista de Psicología*, 19(2), 103. <https://doi.org/10.5354/0719-0581.2010.17112>
- Graça, C. M. D. da F. (2008). Sós ou amparados? a percepção de suporte social numa amostra de imigrantes em portugal.
- Grassi, M., & Vivet, J. (2015). Cuidar das crianças entre Angola e Portugal: a parentalidade nas famílias transnacionais Childcare between Angola and Portugal : parenthood in transnational families. <https://doi.org/10.7458/SPP2015793478>
- Greeff, A. P., & Holtzkamp, J. (2007). The prevalence of resilience in migrant families. 30(3), 189–200.
- Hoffman, L. (1985). Beyond power and control: Toward a «second order» family systems therapy. *Family Systems Medicine*, 3(4), 381–396. <https://doi.org/10.1037/h0089674>
- Izzaty, R. E., Astuti, B., & Cholimah, N. (1967). Gênero, família, capital social e migração: a diáspora haitiana. *Angewandte Chemie International Edition*, 6(11), 951–952., I, 5–24.
- Júnior, L. B. (2013). A família no contexto da deficiência e da migração. 2000, 46–62.
- Lacharité, C. (2005). From risk to psychosocial resilience: conceptual models and avenues for family intervention. 14, 71–77.

- Lechner, E. (2007). Imigração e saúde mental. 79–101.
- Lopes, J., Inês, D. C., Relva, C., & Monteiro, O. (2018). Funcionamento familiar e estratégias de resolução de conflitos na fratria. *1*, 61–73.
- Lu, Y., Zhang, R., & Du, H. (2021). Family Structure, Family Instability, and Child Psychological Well-Being in the Context of Migration: Evidence From Sequence Analysis in China. *Child Development*, *92*(4), e416–e438. <https://doi.org/10.1111/cdev.13496>
- Mangrio, E., Sjöström, K., Grahn, M., & Zdravkovic, S. (2021). Risk for mental illness and family composition after migration to Sweden. *PLoS ONE*, *16*(5 May), 1–9. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0251254>
- Martins-borges, L. (2013). Migração involuntária como fator de risco à saúde mental. 151–162.
- McAuliffe, M., & Ruhs, M. (2018). *World Migration Report 2021*.
- Mejía, M., & Cazarotto, R. (2017). O papel das mulheres imigrantes na famílias transnacional que mobiliza a migração haitiana no brasil. *Repocs*, *14*(27), 171–190. <http://www.periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/rpcsoc/about>
- Melo, A. T. de, & Alarcão, M. (2011). Avaliação de processos de resiliência familiar: Validade e fidelidade do Questionário de Forças Familiares. *Mosaico*, *48*, 34–41.
- Merry, L., Hanley, J., Ruiz-Casares, M., Archambault, I., & Mogere, D. (2019). Migrant families with children in Montreal, Canada and transnational family support: A protocol for a focused ethnography. *BMJ Open*, *9*(9), 1–9. <https://doi.org/10.1136/bmjopen-2019-029074>
- Minuchin, S. (1974). *Families & family therapy*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Minuchin, S., Rosman, B., & Baker, L. (1978). *Psychosomatic families: Anorexia nervosa in context*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Miranda, G. E., Angela, M., & Yunes, M. (2022). Resiliência familiar no contexto do programa Caminhar em Família Family resilience in the context of the Walking in Family program. *9*(0), 132–145.
- Mountian, I., & Rosa, M. D. (2013). O outro: análise crítica de discursos sobre imigração

e gênero *I*. 152–160.

Muggli, Z., Mertens, T., Sá, S., Amado, R., Teixeira, A. L., Vaz, D., & Rosário O. Martins, M. (2021). Migration as a determinant in the development of children emotional and behavior problems: A quantitative study for lisbon region, portugal. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, *18*(2), 1–14. <https://doi.org/10.3390/ijerph18020375>

Olson, D. (2000). Circumplex model of marital and family systems. *Journal of Family Therapy*, *22*, 144-167.

Olson, D. (2004). *Family Satisfaction Scale (FSS)*. Minneapolis: Life Innovations, Inc.

Olson, D., & Gorall, D. (2003). Circumplex model of marital and family systems. In F.

Olson, D., & Barnes, H. (2004). *Family communication*. Minneapolis: Life Innovations, Inc.

Olson, D., Gorall, D., & Tiesel, J. (2006). *FACES IV: Development and validation*. Minneapolis: Life Innovations, Inc.

Olson, D. H., Gorall, D. M., & Tiesel, J. W. (2006). *FACES IV Administration Manual*. 1–20.

Olson, D. (2011). Faces IV and the Circumplex Model: Validation study. *Journal of Marital and Family Therapy*, *37*, 64-80. doi: 10.1111/j.1752-0606.2009.00175.x

Pacheco, V. T. M. (2016). *Resiliência Familiar : Imigração Sírio-Libanesa Estratégias de Enfrentamento para Adaptação*.

Peguinho, A. M. (2015). *Solidão em idosos institucionalizados na casa do povo de santo António das areias*.

Pereira, C. I. A. M. (2021). *Funcionamento e Resiliência da Família no Contexto da Pandemia COVID-19*.

Pereira, R. (2010). Trabajando con los recursos de la familia: factores de resiliencia familiar. *Sistemas Familiares*, *26*(1), 93–115.

Preston, M., Shields, J., & Akbar, M. (2013). Migration and resilience in urban Canada: why social resilience, why Now?

- Preston, V., Shields, J., & Akbar, M. (2021). Migration and Resilience in Urban Canada: Why Social Resilience, Why Now? *Journal of International Migration and Integration*, 0123456789. <https://doi.org/10.1007/s12134-021-00893-3>
- Pocinho, M. (2012). *Metodologia de Investigação E Comunicação do Conhecimento Científico*. Lidel.
- Quesada, C. (2003). *El concepto de resiliencia individual y familiar. Aplicaciones en la intervención social*. 12, 283–299.
- Quesada, C. V. (2020). El concepto de resiliencia individual y familiar. Aplicaciones en la intervención social. *Critical Marketing*, 117–130. <https://doi.org/10.4324/9780080549767-15>
- Ramos, M. N. (2012). Migração, maternidade e saúde. 84–93.
- Ramos, N., Mendes, E., Silva, A. I., & Porfírio, J. (2012). Família, educação e desenvolvimento no sec.XXI.
- Raush, C. H. (2011). Resiliencia familiar y el énfasis en los recursos del sistema. 1, 105–110.
- Reis, S., Sousa, P., & Machado, R. (2020). Relatório de imigração, fronteiras e asilo 2020. *Serviço de Estrangeiros e Fronteiras*, 170. [http://sefstat.sef.pt/Docs/Rifa\\_2014.pdf](http://sefstat.sef.pt/Docs/Rifa_2014.pdf)
- Rodrigues, S. (2010). Família, migração, trabalho doméstico e desigualdades de género Sónia. *Revista de Estudos Interculturais Do CEI*.
- Sangalang, C. C., Becerra, D., Mitchell, F. M., Lechuga, S., Kristina, P., & Isok, L. (2018). Trauma , post-migration stress , and mental health : A comparative analysis of refugees and Immigrants in the United States. *Journal of Immigrant and Minority Health*, 0(0), 0. <https://doi.org/10.1007/s10903-018-0826-2>
- Santo, H. E., Cunha, M., Guadalupe, S., Simões, S., & Sousa, A. (2018). Guia para as Dissertações de Mestrado Segundo as normas da APA. *Instituto Superior Miguel Torga*. [https://www.ismt.pt/pt-files/pdf/GuiaRedacao\\_Mestrado2018.pdf](https://www.ismt.pt/pt-files/pdf/GuiaRedacao_Mestrado2018.pdf)
- Semedo, M. M. F., & Fernandes. (2016). Depressão, estratégias de coping e resiliência: estudo transcultural com imigrantes cabo-verdianos e brasileiros. <http://hdl.handle.net/10437/7135>

- Sequeira, J., Vicente, H. T., Daniel, F., Cerveira, C., Silva, M. I., Neves, S., Santo, H. E., & Guadalupe, S. (2021). Family adaptability and cohesion evaluation scale – version IV (FACES IV): Validation Study in the portuguese population. *Journal of Child and Family Studies*, 30(7), 1650–1663. <https://doi.org/10.1007/s10826-021-01941-3>
- Shimizutani, S., & Yamada, E. (2021). Resilience against the pandemic: The impact of COVID-19 on migration and household welfare in Tajikistan. *PLoS ONE*, 16(9 September), 1–20. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0257469>
- Silva, N. Da, Dillon, F. R., Verdejo, T. R., Sanchez, M., & De La Rosa, M. (2017). Acculturative Stress, Psychological Distress, and Religious Coping among Latina Young Adult Immigrants. *Counseling Psychologist*, 45(2), 213–236. <https://doi.org/10.1177/0011000017692111>
- Silva, L. M., Moreira, M., Bezerra, V. P., Almeida, S. A. de, Brenna, S., & Silva, A. O. (2014). Social representations about loneliness by institutionalized elderly. *Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental Online*, 6(5), 1–9. <https://doi.org/10.9789/2175-5361.2014.v6i5.1-9>
- Silva, M., Lacharité, C., Silva, P. A. da, Lunardi, V. L., & Filgo, W. D. L. (2009). *Processos que sustentam a resiliência familiar : um estudo de caso*. 18(1), 92–99.
- Siriwardhana, C., & Stewart, R. (2013). Forced migration and mental health: Prolonged internal displacement, return migration and resilience. *International Health*, 5(1), 19–23. <https://doi.org/10.1093/inthealth/ihs014>
- Sluzki, C. E. (1979). Migration and Family Conflict. *Family Process*, 18(4), 379–390. <https://doi.org/10.1111/j.1545-5300.1979.00379.x>
- Tedesco, J. C. (2011). O gênero na imigração : redefinições de papéis e dinâmicas étnicas gender on immigration : redefining roles and ethnic dynamics. *Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero, PontaGrossa*, 2, 44–55.
- Torres, J. D. M., Paiva, A. de M. G., Queiroz, M. V. O., Monteiro, A. R. M., Farias, M. S., Pereira, A. M. M., & Pereira, M. A. A. (2020). Resiliência e famílias: reflexão teórica sobre laços afetivos e familiares. *Brazilian Journal of Development*, 6(6), 33419–33432. <https://doi.org/10.34117/bjdv6n6-048>

- Tsibidaki A. (2020). Family functioning and strengths in families raising a child with cerebral palsy. *Research in developmental disabilities*, 106, 103767. <https://doi.org/10.1016/j.ridd.2020.103767>
- Vieira, R., & Trindade, J. (2008). Migration, culture and identity in Portugal. *Language and Intercultural Communication*, 8(1), 36–49. <https://doi.org/10.2167/laic266.0>
- Visani, E. (2014). Il Faces IV e il modello circonflesso. In E. Visani, S. Di Nuovo, & C.
- Walsh, F. (1996). The concept of family resilience: crisis and challenge. *Family Process*, 35(3), 261–281. <https://doi.org/10.1111/j.1545-5300.1996.00261.x>
- Walsh, F. (2003). Family resilience: a framework for clinical practice. *Family Process*, 42(I), 1–18. <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/12698595>
- Walsh, F. (2020). Loss and Resilience in the Time of COVID-19: Meaning Making, Hope, and Transcendence. *Family Process*, 59(3), 898–911. <https://doi.org/10.1111/famp.12588>
- Yunes, M. A. M. (2003). Psicologia positiva e resiliência: o foco no indivíduo e na família. *Psicologia Em Estudo*, 8(spe), 75–84. <https://doi.org/10.1590/s1413-73722003000300010>
- Zenklusen, D. (2020). Migrar en familia. Reflexiones en torno a la migración peruana a Córdoba. *REMHU: Revista Interdisciplinar Da Mobilidade Humana*, 28(60), 243–261. <https://doi.org/10.1590/1980-85852503880006014>

## **APÊNDICES**

## **APÊNDICE I – Consentimento informado**



### **Consentimento informado**

A presente investigação, que decorre no âmbito do Mestrado em Psicologia Clínica, na área de especialização das Terapias Familiares e Sistémicas, do Instituto Superior Miguel Torga, tem como objetivo perceber como é que as famílias migrantes em Portugal funcionam, e quais são os processos de resiliência mais utilizados. Neste sentido, solicitamos a sua participação através do preenchimento dos seguintes instrumentos de avaliação: FACES IV (Escala de Avaliação da Adaptabilidade e Coesão Familiar) e WFRQ (Walsh Family Resilience Questionnaire/ questionário de resiliência familiar), bem como um questionário de dados sociodemográficos, familiares e relativos ao processo de migração. O preenchimento terá uma duração aproximada de 15 minutos. A sua colaboração neste projeto é muito importante e é voluntária. Pode recusar ou desistir dela a qualquer momento do estudo. Todos os dados recolhidos têm a garantia de confidencialidade e obedecem aos princípios éticos previstos pelo código deontológico da ordem dos Psicólogos Portugueses e serão utilizados somente para fins de investigação. A sua participação é anónima, não sendo requerida a sua identificação (nome) em nenhum momento do estudo. A equipa de investigação encontra-se disponível para qualquer esclarecimento acerca deste estudo. Agradecemos desde já a sua disponibilidade e colaboração.

De forma a podermos analisar os dados recolhidos, de forma anónima, e considerando a pertença à mesma família, pedimos que no código familiar coloque as seguintes informações:

1ª – Ano da migração para Portugal – exemplo se emigrou em 2001 coloca – 2001

2º - Número dos elementos do agregado familiar contando consigo – exemplo se vivem pai, mãe e 3 filhos, coloca – 5

3º - Nome do local onde vive em maiúsculas – exemplo, se vivem em Arganil coloca – ARGANIL.

Assim o código desta família será: **20015ARGANIL**

**Código da família:**

\_\_\_\_\_ (Só maiúsculas e números)

### **Declaração de consentimento informado**

Li o consentimento informado, declaro que tenho idade igual ou superior a 18 anos e aceito participar neste estudo.

Li o consentimento informado, declaro que sou menor de idade, mas tenho a autorização e o apoio do encarregado de educação para a participação neste estudo.

Coimbra, \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**APÊNDICE II** - Questionário de dados sociodemográficos, familiares e relativos ao processo de migração

De seguida, irá encontrar um conjunto de questões sobre si.

Solicitamos que leia com atenção as questões que se seguem, e responda nas opções de forma

objetiva.

1. Idade: \_\_\_\_\_
2. Sexo:

Masculino

Feminino

3. Estado Civil:

Solteiro(a)

Em União Estável/de Facto

Casado(a)

Divorciado(a)

Recasado(a)/nova União Estável/de Facto

Viúvo(a)

3.1 Há quanto tempo (em anos) está casado(a)/vive em união de facto?

---

4. Escolaridade (completa):

Sabe ler e escrever;

1º Ciclo (até ao 4º ano de escolaridade);

2º Ciclo (até ao 6º ano);

3º Ciclo (até ao 9º ano);

Ensino Secundário (até ao 12º ano);

Licenciatura;

Mestrado;

Doutoramento;

5. Situação Profissional

- Trabalhador(a) por conta de outrem
  - Trabalhador(a) por conta própria
  - Estudante
  - Trabalhador(a)-Estudante
  - Desempregado(a)
  - Aposentado(a) / Reformado(a)
  - Outro? qual
6. Rendimento médio mensal líquido do seu agregado familiar atual. Assinale, por favor, a soma de todos os salários / rendimentos da família.
- Até 500
  - Entre 500 e 1000
  - Entre 1000 e 2000
  - Mais de 3000
7. Nacionalidade:
- Angolana
  - Brasileira
  - Cabo Verdiana
  - Guineense
  - Moçambicana
  - Santomense
  - Timorense
8. Meio de residência
- Meio urbano
  - Meio rural
8. Distrito onde reside
- Aveiro
  - Braga
  - Bragança
  - Beja
  - Castelo Branco

- Coimbra
- Évora
- Faro
- Guarda
- Leiria
- Lisboa
- Portalegre
- Porto
- Santarém
- Setúbal
- Viana do Castelo
- Vila Real
- Viseu
- Região Autónoma da Madeira
- Região Autónoma dos Açores

9. Reside numa habitação:

- Própria
- Alugada
- De um familiar
- Outra situação qual?

**Dados relativos ao Agregado Familiar**

10. Assinale todas as pessoas com quem vive atualmente:

- Sozinho(a)
- Namorado(a)
- Esposo(a) /Companheiro(a)
- Filho/a(s)
- Pai
- Mãe
- Irmão/ã(s) Quantos?
- Sogro(a)/s
- Avó(ô)/s
- Tio(a)/s
- Primo(a)/s
- Padrinho(s)/Madrinha(s)
- Amigos e/ou colegas de escola/faculdade/instituição/trabalho/casa

Outra opção (Quais?):

---

11. Qual é o número de pessoas que constituem o agregado familiar atual, contando consigo?

---

12. Tem filhos?

- Não tenho
- 1 filho
- 2 filhos
- 3 filhos
- + de 3 filhos

13. Indique, por favor, a idade do seu filho mais velho, no caso de ter mais do que um filho.

14. Existem elementos do agregado familiar nuclear que não residem de forma permanente em Portugal?

- Sim
- Não. Quem?

### **Dados relativos ao processo de migração**

Há quanto tempo se encontra a residir em Portugal? (anos)

15. Qual o motivo da migração?

- Condições socioeconómicas
- Educação
- Formação académica/ profissional
- Questões políticas
- Razões humanitárias
- Reunificação familiar
- Saúde
- Segurança
- Trabalho
- Outro (Qual?)

16. Numa escala de 1 a 5, onde 1 equivale a uma adaptação muito má, e 5 uma adaptação muito boa, avalie os seguintes aspetos:

	1 Muito má	2	3	4	5 Muito boa
Questões legais					
Trabalho/estudo					
Cultura					
Inserção social					
Língua					



**APÊNDICE A** – Subescalas equilibradas da FACES-IV (N =168)

Subescala	Nível	n (%)	M	DP	Intervalo
Coesão equilibrada	Algo coesa [10-30]	6 (3,6)	29,01	2,350	7-35
	Coesa [35-60]	74 (44,0)			
	Muito coesa [69-99]	<b>88 (52,4)</b>			
Flexibilidade equilibrada	Algo flexível [10-20]	-	28,38	2,201	7-35
	Flexível [25-60]	12 (7,1)			
	Muito flexível [65-99]	<b>156 (92,9)</b>			

*Nota.* N = amostra total; n = nº de participantes; % = percentagem de participantes; M = Média; DP = Desvio Padrão; FACES-IV = Escala de Avaliação da Adaptabilidade e da Coesão Familiar versão IV

**APÊNDICE B - Subescalas desequilibradas da FACES-IV (N = 168)**

Subescalas	Nível	n (%)	M	DP	Intervalo
Desmembrada	Muito baixo [10-26]	<b>143 (85,1)</b>	14,01	2,918	7-35
	Baixo [30-40]	21 (12,5)			
	Moderado [45-60]	3 (1,8)			
	Alto [64-75]	1 (0,6)			
	Muito alto [80-99]	-			
Emaranhada	Muito baixo [10-26]	51 (30,4)	17,80	2,523	7-35
	Baixo [30-40]	<b>107 (63,7)</b>			
	Moderado [45-60]	8 (4,8)			
	Alto [64-75]	2 (1,2)			
	Muito alto [80-99]	-			
Rígida	Muito baixo [20-26]	5 (3,0)	22,11	2,725	7-35
	Baixo [40-40]	47 (28,0)			
	Moderado [45-60]	<b>106 (63,1)</b>			
	Alto [64-75]	8 (4,8)			
	Muito alto [80-99]	2 (1,2)			
Caótica	Muito baixo [10-26]	<b>150 (89,3)</b>	12,63	3,668	7-35
	Baixo [30-40]	16 (9,5)			
	Moderado [45-60]	1 (0,6)			
	Alto [64-75]	1 (0,6)			
	Muito alto [80-99]	-			

*Nota.* N = amostra total; n = nº de participantes; % = percentagem de participantes; M = Média; DP = Desvio Padrão; FACES-IV = Escala de Avaliação da Adaptabilidade e da Coesão Familiar versão IV;

**APÊNDICE C - Subescalas da comunicação e satisfação da FACES-IV (N = 168)**

Subescalas	Nível	n (%)	M	DP	Intervalo
Comunicação	Muito baixo [10-20]	2 (1,2)	40,21	4,093	10-50
	Baixo [21-35]	6 (3,6)			
	Moderado [36-60]	7 (4,2)			
	Alto [61-85]	<b>133 (79,2)</b>			
	Muito alto [80-99]	20 (11,9)			
Satisfação	Muito baixo [20-26]	1 (0,6)	39,55	4,725	10-50
	Baixo [40-40]	23 (13,7)			
	Moderado [45-60]	13 (7,7)			
	Alto [64-75]	<b>115 (68,5)</b>			
	Muito alto [86-99]	16 (9,5)			

*Nota.* N = amostra total; n = nº de participantes; % = percentagem de participantes; M = Média; DP = Desvio Padrão; FACES-IV = Escala de Avaliação da Adaptabilidade e da Coesão Familiar versão IV;

**APÊNDICE D – Dimensões da WFRQ (N = 168)**

<b>Dimensões</b>	<b>M</b>	<b>DP</b>	<b>Intervalo</b>	<b>min</b>	<b>max</b>
<b>Sistema de Crenças</b>	64,28	7,565	16-80	32	80
<b>Padrões Organizacionais</b>	39,94	4,807	10-50	19	50
<b>Comunicação e Resolução de Problemas</b>	22,86	3,019	6-30	11	30

*Nota.* *N* = amostra total; *n* = nº de participantes; *M* = Média; *DP* = Desvio Padrão; WFRQ = *Questionário de Resiliência Familiar de Walsh*



**APÊNDICE E** – comparação múltipla de médias e ordens subescalas da FACES-IV e nacionalidade (N = 168)

FACES-IV												
Subescalas equilibradas						Subescalas desequilibradas						
Coesão		Flexibilidade		Desmembrada		Emaranhada		Rígida		Caótica		
<b>Comparação Múltipla de médias e de ordens</b>	1vs2	-	1vs2	-	1vs2	-	1vs2	-	1vs2	-	1vs2	-
	1vs3	-	1vs3	-	1vs3	-	1vs3	-	1vs3	-	1vs3	-
	1vs4	-	1vs4	-	1vs4	-	1vs4	-	1vs4	-	1vs4	-
	1vs5	-	1vs5	-	1vs5	-	1vs5	-	1vs5	-	1vs5	-
	2vs3	-	2vs3	-	2vs3	-	2vs3	-	2vs3	-	2vs3	-
	2vs4	-	2vs4	-	2vs4	-	2vs4	-	2vs4	-	2vs4	-
	2vs5	-	2vs5	-	2vs5	-	2vs5	-	2vs5	-	2vs5	-
	3vs4	-	3vs4	-	3vs4	-	3vs4	-	3vs4	-	3vs4	-
	3vs5	-	3vs5	-	3vs5	-	3vs5	-	3vs5	-	3vs5	-
	4vs5	-	4vs5	-	4vs5	-	4vs5	-	4vs5	-	4vs5	-

*Nota.*  $N$  = amostra total;  $n$  = nº de participantes;  $M$  = Média;  $DP$  = Desvio Padrão;  $F$  = ANOVA; FACES-IV = Escala de Avaliação da Adaptabilidade e da Coesão Familiar versão IV; \*  $p < 0,05$ ; \*\*  $p < 0,01$ ; \*\*\* $p < 0,001$ ; <sup>NS</sup> = Não significativo

**APÊNDICE F** – comparação múltipla de médias e ordens subescalas da comunicação e da satisfação da FACES-IV e nacionalidade (N = 168)

F	FACES-IV			
	Comunicação		Satisfação	
	0,752 <sup>NS</sup>		1,156 <sup>NS</sup>	
<b>Comparação múltipla de médias de ordens</b>	1vs2	-	1vs2	-
	1vs3	-	1vs3	-
	1vs4	-	1vs4	-
	1vs5	-	1vs5	-
	2vs3	-	2vs3	-
	2vs4	-	2vs4	-
	2vs5	-	2vs5	-
	3vs4	-	3vs4	-
	3vs5	-	3vs5	-
	4vs5	-	4vs5	-

*Nota.* N = amostra total; n = nº de participantes; M = Média; DP = Desvio Padrão; F = ANOVA; FACES-IV = Escala de Avaliação da Adaptabilidade e da Coesão Familiar versão IV; \* p < 0,05; \*\* p < 0,01; \*\*\*p < 0,001; <sup>NS</sup> = Não significativo

**APÊNDICE G** – comparação múltipla de médias e ordens Dimensões da WFRQ e nacionalidade (N = 168)

	WFRQ		
	Sistema de Crenças	Padrões Organizacionais	Comunicação e Resolução de Problemas
	1VS2	1VS2	1VS2
	1VS3	1VS3	1VS3
	1VS4	1VS4	1VS4
	1VS5	1VS5	1VS5
<b>Comparação múltipla</b>	2VS3	2VS3	2VS3
<b>De médias e ordens</b>	2VS4	2VS4	2VS4
	2VS5	2VS5	2VS5
	3VS4	3VS4	3VS4
	3VS5	3VS5	3VS5
	4VS5	4VS5	4VS5

Nota. N = amostra total; M = Média; DP = Desvio Padrão; F = ANOVA; WFRQ = *Questionário de Resiliência Familiar de Walsh*; \*  $p < 0,05$ ; \*\*  $p < 0,01$ ; \*\*\*  $p < 0,001$ ; NS = Não significativo

**APÊNDICE H** – Subescalas equilibradas e desequilibradas da FACES-IV e tempo de migração (N = 168)

FACES-IV												
Subescalas equilibradas						Subescalas desequilibradas						
Tempo de migração	Coesão		Flexibilidade		Desmembrada		Emaranhada		Rígida		Caótica	
	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP
1-3	<b>29,42</b>	2,061	<b>28,70</b>	1,923	13,88	2,409	<b>18,06</b>	2,989	21,55	2,211	<b>12,84</b>	3,236
Mais de 3 a 5	28,83	2,427	28,45	2,810	<b>14,18</b>	2,952	17,98	3,347	<b>22,73</b>	3,471	12,33	4,141
Mais de 5	28,69	2,560	27,97	2,000	14,02	3,408	17,39	2,100	22,31	2,611	12,61	3,831
<b>F</b>	1,719 <sup>NS</sup>		1,824 <sup>NS</sup>		1,247 <sup>NS</sup>		0,134 <sup>NS</sup>		2,640 <sup>NS</sup>		0,243 <sup>NS</sup>	
<b>Comparação</b>	1VS2		1VS2		1VS2		1VS2		1VS2		1VS2	
<b>Múltipla</b>	1VS3		1VS3		2VS3		1VS3		1VS3		1VS3	
<b>De médias</b>	2VS3		2VS3		2VS3		2VS3		2VS3		2VS3	

Nota. N = amostra total; n = nº de participantes; M = Média; DP = Desvio Padrão; F = ANOVA; FACES-IV = Escala de Avaliação da Adaptabilidade e da Coesão Familiar versão IV; \* p < 0,05; \*\* p < 0,01; \*\*\*p < 0,001; NS = Não significativo



**APÊNDICE I** – Subescalas da comunicação e satisfação da FACES-IV e tempo de migração (N = 168)

<b>FACES-IV</b>				
<b>Tempo de migração</b>	<b>Comunicação</b>		<b>Satisfação</b>	
	<b>M</b>	<b>DP</b>	<b>M</b>	<b>DP</b>
1-3	<b>40,87</b>	3,529	39,40	4,629
Mais de 3 a 5	39,92	3,912	39,15	4,594
Mais de 5	39,67	4,707	<b>39,97</b>	4,953
<b>F</b>	<b>1,492<sup>NS</sup></b>		<b>0,411<sup>NS</sup></b>	
<b>Comparação múltipla de médias e ordens</b>	1VS2		1VS2	
	1VS3		1VS3	
	2VS3		2VS3	

*Nota.* *N* = amostra total; *n* = *n*<sup>o</sup> de participantes; *M* = Média; *DP* = Desvio Padrão; *F* = ANOVA; FACES-IV = Escala de Avaliação da Adaptabilidade e da Coesão Familiar versão IV; \* *p* < 0,05; \*\* *p* < 0,01; \*\*\**p* < 0,001; <sup>NS</sup> = Não significativo

**APÊNDICE J – Dimensões da WFRQ e tempo de migração (N = 168)**

WFRQ						
Tempo de migração	Sistema de Crenças		Padrões Organizacionais		Comunicação e Resolução de Problemas	
	M	DP	M	DP	M	DP
1-3	64,51	8,025	<b>40,22</b>	5,331	22,87	3,266
Mais de 3 a 5	<b>64,83</b>	7,089	40,00	4,332	<b>22,95</b>	2,791
Mais de 5	63,67	7,427	39,59	4,544	22,79	2,928
<b>F</b>	0,328 <sup>NS</sup>		0,279 <sup>NS</sup>		0,035 <sup>NS</sup>	
<b>Comparação múltipla de médias e ordens</b>	1VS2		1VS2		1VS2	
	1VS3		1VS3		1VS3	
	2VS3		2VS3		2VS3	

Nota. N = amostra total; M = Média; DP = Desvio Padrão; F = ANOVA; WFRQ = *Questionário de Resiliência Familiar de Walsh*; \* p < 0,05; \*\* p < 0,01; \*\*\* p < 0,001; <sup>NS</sup> = Não significativo

**APÊNDICE K** – Subescalas equilibradas e desequilibradas da FACES-IV e número de elementos no agregado familiar (N = 168)

FACES-IV												
Nº de elementos no agregado familiar	Subescalas equilibradas				Subescalas desequilibradas							
	Coesão		Flexibilidade		Desmembrada		Emaranhada		Rígida		Caótica	
	<b>M</b>	<b>DP</b>	<b>M</b>	<b>DP</b>	<b>M</b>	<b>DP</b>	<b>M</b>	<b>DP</b>	<b>M</b>	<b>DP</b>	<b>M</b>	<b>DP</b>
Até 3	<b>29,38</b>	2,941	<b>28,51</b>	2,348	13,80	2,751	<b>18,29</b>	2,859	21,27	2,864	<b>12,71</b>	3,425
Mais de 3	28,83	1,991	28,31	2,134	<b>14,12</b>	3,002	17,56	2,318	<b>22,51</b>	2,571	12,59	3,795
<b>T</b>	1,428 <sup>NS</sup>		0,550 <sup>NS</sup>		-0,656 <sup>NS</sup>		1,779 <sup>NS</sup>		-2,826 <sup>NS</sup>		0,192 <sup>NS</sup>	

Nota. N = amostra total; n = nº de participantes; M = Média; DP = Desvio Padrão; T = test T; FACES-IV = Escala de Avaliação da Adaptabilidade e da Coesão Familiar versão IV; \* p < 0,05; \*\* p < 0,01; \*\*\*p < 0,001; <sup>NS</sup> = Não significativo

**APÊNDICE L – Subescalas da comunicação e satisfação da FACES-IV e número de elementos no agregado familiar (N = 168)**

FACES-IV				
Nº de elementos no agregado familiar	Comunicação		Satisfação	
	M	DP	M	DP
Até 3	<b>40,51</b>	4,082	<b>39,67</b>	4,623
Mais de 3	40,06	4,109	39,49	4,792
<b>T</b>	0,663 <sup>NS</sup>		0,239 <sup>NS</sup>	

*Nota.* N = amostra total; n = nº de participantes; M = Média; DP = Desvio Padrão; T = test T; FACES-IV = Escala de Avaliação da Adaptabilidade e da Coesão Familiar versão IV; \* p < 0,05; \*\* p < 0,01; \*\*\*p < 0,001; <sup>NS</sup> = Não significativo



**APÊNDICE M – Dimensões da WFRQ e número de elementos no agregado familiar**  
(N = 168)

Nº de elementos no agregado familiar	WFRQ					
	Sistema de crenças		Padrões organizacionais		Comunicação e resolução de problemas	
	M	DP	M	DP	M	DP
Até 3	<b>65,53</b>	7,396	<b>40,82</b>	4,757	<b>23,13</b>	2,976
Mais de 3	63,67	7,605	39,51	4,794	22,73	3,045
<b>T</b>	1,497 <sup>NS</sup>		1,660 <sup>NS</sup>		0,808 <sup>NS</sup>	

Nota. N = amostra total; M = Média; DP = Desvio Padrão; T = Test T; WFRQ = *Questionário de Resiliência Familiar de Walsh*; \*  $p < 0,05$ ; \*\*  $p < 0,01$ ; \*\*\* $p < 0,001$ ; <sup>NS</sup> = Não significativo

**APÊNDICE N – Subescalas equilibradas e desequilibradas da FACES-IV sexo**

(N = 168)

<b>FACES-IV</b>												
<b>Posição na família</b>	<b>Subescalas equilibradas</b>				<b>Subescalas desequilibradas</b>							
	Coesão		Flexibilidade		Desmembrada		Emaranhada		Rígida		Caótica	
	<b>M</b>	<b>DP</b>	<b>M</b>	<b>DP</b>	<b>M</b>	<b>DP</b>	<b>M</b>	<b>DP</b>	<b>M</b>	<b>DP</b>	<b>M</b>	<b>DP</b>
Masculino	<b>29,26</b>	2,501	<b>28,44</b>	2,135	<b>14,13</b>	3,211	<b>17,97</b>	2,484	22,06	2,732	<b>12,78</b>	3,465
Feminino	28,82	2,224	28,32	2,259	13,93	2,692	17,67	2,557	<b>22,15</b>	2,734	12,52	3,828
<b>T</b>	1,205 <sup>NS</sup>		0,353 <sup>NS</sup>		0,434 <sup>NS</sup>		0,776 <sup>NS</sup>		-0,212 <sup>NS</sup>		0,448 <sup>NS</sup>	

*Nota.* N = amostra total; n = nº de participantes; M = Média; DP = Desvio Padrão; T= Test T; FACES-IV = Escala de Avaliação da Adaptabilidade e da Coesão Familiar versão IV; \* p < 0,05; \*\* p < 0,01; \*\*\*p < 0,001; NS = Não significativo

**APÊNDICE O** – Subescalas da comunicação e satisfação da FACES-IV e sexo (N = 168)

Sexo	FACES-IV			
	Subescala da comunicação		Subescala da satisfação	
	M	DP	M	DP
Masculino	<b>40,25</b>	3,552	<b>39,63</b>	4,261
Feminino	40,18	4,474	39,49	5,066
<b>T</b>	0,114 <sup>NS</sup>		0,183 <sup>NS</sup>	

*Nota.* N = amostra total; n = nº de participantes; M = Média; DP = Desvio Padrão; T= Test T; FACES-IV = Escala de Avaliação da Adaptabilidade e da Coesão Familiar versão IV; \* p < 0,05; \*\* p < 0,01; \*\*\*p < 0,001; NS = Não significativo

**APÊNDICE P – Dimensões da WFRQ e sexo (N = 168)**

Sexo	WFRQ					
	Sistema de crenças		Padrões organizacionais		Comunicação e resolução de problemas	
	M	DP	M	DP	M	DP
Masculino	63,42	7,232	39,65	4,578	22,72	2,884
Feminino	<b>64,93</b>	7,780	<b>40,16</b>	4,985	<b>22,96</b>	3,129
<b>T</b>	-1,283 <sup>NS</sup>		-0,671 <sup>NS</sup>		-0,506 <sup>NS</sup>	

Nota. N = amostra total; M = Média; DP = Desvio Padrão; T = Test T; WFRQ = *Questionário de Resiliência Familiar de Walsh*; \*  $p < 0,05$ ; \*\*  $p < 0,01$ ; \*\*\*  $p < 0,001$ ; <sup>NS</sup> = Não significativo



**APÊNDICE Q** - Subescalas equilibradas e desequilibradas da FACES-IV e

Rendimento (N =166)

FACES-IV												
Rendimento	Subescalas equilibradas				Subescalas desequilibradas							
	Coesão		Flexibilidade		Desmembrada		Emaranhada		Rígida		Caótica	
	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP
Entre 500€ e 1000€	28,61	4,231	27,94	3,438	<b>15,94</b>	3,589	<b>18,83</b>	3,698	<b>22,28</b>	5,866	<b>15,44</b>	4,866
Entre 1000€ e 2000€	<b>29,06</b>	1,905	<b>28,44</b>	2,077	13,78	2,638	17,76	2,309	22,07	2,128	12,42	3,322
Mais de 3000€	29,00	2,646	28,16	1,599	13,52	3,255	17,12	2,438	22,24	2,047	11,88	3,563
<b>K</b>	0,231 <sup>NS</sup>		0,043 <sup>NS</sup>		8,317 <sup>NS</sup>		4,303 <sup>NS</sup>		0,913 <sup>NS</sup>		8,639 <sup>NS</sup>	

Nota. N = amostra total; n = nº de participantes; M = Média; DP = Desvio Padrão; K= *Kruskal wallis*; FACES-IV = Escala de Avaliação da Adaptabilidade e da Coesão Familiar versão IV; \*  $p < 0,05$ ; \*\*  $p < 0,01$ ; \*\*\*  $p < 0,001$ ; <sup>NS</sup> = Não significativo

**APÊNDICE R - Subescalas da comunicação e satisfação da FACES-IV e Rendimento**  
(N =166)

<b>FACES-IV</b>				
<b>Rendimento</b>	<b>Subescala da comunicação</b>		<b>Subescala da satisfação</b>	
	<b>M</b>	<b>DP</b>	<b>M</b>	<b>DP</b>
<b>Total</b>				
Entre 500€ e 1000€	40,06	6,629	38,83	6,186
Entre 1000€ e 2000€	<b>40,45</b>	3,820	<b>39,68</b>	4,610
Mais de 3000€	39,24	3,126	39,60	4,368
<b>K</b>	0,993 <sup>NS</sup>		1,579 <sup>NS</sup>	

*Nota.* N = amostra total; n = nº de participantes; M = Média; DP = Desvio Padrão; K= *Kruskal wallis*; FACES-IV = *Escala de Avaliação da Adaptabilidade e da Coesão Familiar versão IV*; \*  $p < 0,05$ ; \*\*  $p < 0,01$ ; \*\*\* $p < 0,001$ ; <sup>NS</sup> = Não significativo

**APÊNDICE S - Dimensões da WFRQ e Rendimento (N =166)**

Rendimento	WFRQ					
	Sistema de crenças		Padrões organizacionais		Comunicação e resolução de problemas	
	M	DP	M	DP	M	DP
Entre 500€ e 1000€	65,17	9,942	<b>41,06</b>	6,178	22,33	4,393
Entre 1000€ e 2000€	63,98	7,370	39,58	4,713	22,86	2,904
Mais de 3000€	<b>65,00</b>	6,922	40,60	3,916	<b>23,12</b>	2,279
<b>K</b>	0,179 <sup>NS</sup>		2,147 <sup>NS</sup>		1,778 <sup>NS</sup>	

Nota. N = amostra total; M = Média; DP = Desvio Padrão; K = Kruskal wallis; WFRQ = *Questionário de Resiliência Familiar de Walsh*; \* p < 0,05; \*\* p < 0,01; \*\*\*p < 0,001; <sup>NS</sup> = Não significativo

**APÊNDICE T** - Subescalas equilibradas e desequilibradas da FACES-IV e Tipologia familiar (N = 158)

FACES-IV												
Tipologia familiar	Subescalas equilibradas				Subescalas desequilibradas							
	Coesão		Flexibilidade		Desmembrada		Emaranhada		Rígida		Caótica	
	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP
Casal sem filhos	<b>30,56</b>	2,064	28,44	1,617	13,17	2,203	17,61	2,852	22,11	2,349	<b>12,78</b>	2,962
Família nuclear intacta	28,85	2,110	28,41	1,916	13,98	3,030	17,69	2,480	<b>22,30</b>	2,269	12,38	3,595
Família nuclear alargada	29,12	3,199	<b>28,71</b>	3,548	<b>14,06</b>	2,989	<b>17,88</b>	2,522	21,41	3,374	12,41	3,411
<b>K</b>	11,082 <sup>NS</sup>		1,508 <sup>NS</sup>		1,828 <sup>NS</sup>		1,744 <sup>NS</sup>		2,028 <sup>NS</sup>		0,427 <sup>NS</sup>	

Nota. N = amostra total; n = nº de participantes; M = Média; DP = Desvio Padrão; K= *Kruskal wallis*; FACES-IV = Escala de Avaliação da Adaptabilidade e da Coesão Familiar versão IV; \*  $p < 0,05$ ; \*\*  $p < 0,01$ ; \*\*\*  $p < 0,001$ ; <sup>NS</sup> = Não significativo



**APÊNDICE U - Subescalas da comunicação e satisfação da FACES-IV e Tipologia familiar (N = 158)**

Tipologia familiar	FACES-IV			
	Subescala da comunicação		Subescala da satisfação	
	M	DP	M	DP
Casal sem filhos	<b>40,83</b>	2,229	<b>41,06</b>	3,621
Família nuclear intacta	40,22	2,999	39,43	4,270
Família nuclear alargada	40,71	8,434	40,71	6,926
<b>K</b>	2,095 <sup>NS</sup>		4,781 <sup>NA</sup>	

Nota. N = amostra total; n = nº de participantes; M = Média; DP = Desvio Padrão; K= *Kruskal wallis*; FACES-IV = Escala de Avaliação da Adaptabilidade e da Coesão Familiar versão IV; \*  $p < 0,05$ ; \*\*  $p < 0,01$ ; \*\*\*  $p < 0,001$ ; <sup>NS</sup> = Não significativo

**APÊNDICE V - Dimensões da WFRQ e Tipologia familiar (N = 158)**

Tipologia familiar	WFRQ					
	Sistema de crenças		Padrões organizacionais		Comunicação e resolução de problemas	
	M	DP	M	DP	M	DP
Casal sem filhos	<b>65,28</b>	4,322	<b>40,56</b>	2,874	<b>23,00</b>	3,049
Família nuclear intacta	64,10	7,176	39,75	4,394	22,85	2,694
Família nuclear alargada	64,41	10,771	40,47	7,349	22,65	4,122
<b>K</b>	0,472 <sup>NS</sup>		0,867 <sup>NS</sup>		0,454 <sup>NS</sup>	

Nota. N = amostra total; M = Média; DP = Desvio Padrão; K = *Kruskal wallis*; WFRQ = *Questionário de Resiliência Familiar de Walsh*; \*  $p < 0,05$ ; \*\*  $p < 0,01$ ; \*\*\*  $p < 0,001$ ; <sup>NS</sup> = Não significativo

**APÊNDICE W** - Subescalas equilibradas e desequilibradas da FACES-IV e Etapa do ciclo vital (N = 127)

FACES-IV												
Etapa do ciclo vital	Subescalas equilibradas				Subescalas desequilibradas							
	Coesão		Flexibilidade		Desmembrada		Emaranhada		Rígida		Caótica	
	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP
F. com filhos na escola	<b>29,29</b>	2,555	<b>28,57</b>	3,715	12,79	2,806	16,93	2,269	21,29	2,867	11,21	3,215
F. com filhos adolescentes	29,02	2,288	28,38	2,294	<b>14,71</b>	3,420	<b>18,15</b>	2,539	<b>23,46</b>	2,940	<b>13,63</b>	4,068
F. com filhos adultos	28,61	1,773	28,30	1,811	14,31	2,398	17,67	2,196	21,61	2,347	12,52	3,330
<b>K</b>	1,490 <sup>NS</sup>		0,937 <sup>NS</sup>		4,612 <sup>NS</sup>		1,779 <sup>NS</sup>		12,990 <sup>NS</sup>		3,357 <sup>NS</sup>	

Nota. N = amostra total; n = nº de participantes; M = Média; DP = Desvio Padrão; K= Kruskal wallis; FACES-IV = Escala de Avaliação da Adaptabilidade e da Coesão Familiar versão IV; \* p < 0,05; \*\* p < 0,01; \*\*\*p < 0,001; <sup>NS</sup> = Não significativo

**APÊNDICE X** - Subescalas da comunicação e satisfação da FACES-IV e Etapa do ciclo vital (N = 127)

<b>FACES-IV</b>				
<b>Etapa do ciclo vital</b>	<b>Subescala da comunicação</b>		<b>Subescala da satisfação</b>	
	<b>M</b>	<b>DP</b>	<b>M</b>	<b>DP</b>
Família com filhos na escola	<b>41,57</b>	6,465	<b>41,36</b>	3,565
Família com filhos adolescentes	40,58	4,127	39,85	5,300
Família com filhos adultos	39,75	2,826	38,43	4,097
<b>K</b>	3,689 <sup>NS</sup>		3,466 <sup>NS</sup>	

*Nota.* N = amostra total; n = nº de participantes; M = Média; DP = Desvio Padrão; K= *Kruskal wallis*; FACES-IV = *Escala de Avaliação da Adaptabilidade e da Coesão Familiar versão IV*; \*  $p < 0,05$ ; \*\*  $p < 0,01$ ; \*\*\*  $p < 0,001$ ; <sup>NS</sup> = Não significativo



**APÊNDICE Y - Dimensões da WFRQ e Etapa do ciclo vital (N = 127)**

Etapa do ciclo vital	WFRQ					
	Sistema de crenças		Padrões organizacionais		Comunicação e resolução de problemas	
	M	DP	M	DP	M	DP
Família com filhos na escola	<b>68,93</b>	7,216	43,00	4,883	<b>24,07</b>	3,668
Família com filhos adolescentes	64,35	4,143	39,85	5,143	<b>22,77</b>	3,387
Família com filhos adultos	63,54	6,567	39,43	4,181	<b>22,67</b>	2,593
<b>K</b>	4,710 <sup>NS</sup>		4,820 <sup>NS</sup>		0,744 <sup>NS</sup>	

Nota. N = amostra total; M = Média; DP = Desvio Padrão; K = *Kruskal wallis*; WFRQ = *Questionário de Resiliência Familiar de Walsh*; \*  $p < 0,05$ ; \*\*  $p < 0,01$ ; \*\*\* $p < 0,001$ ; <sup>NS</sup> = Não significativo

**APÊNDICE Z – Coeficientes de correlação linear de Pearson entre a FACES-IV e a WFRQ (N = 168)**

		<b>WFRQ</b>		
		<b>Sistema de Crenças</b>	<b>Padrões Organizacionais</b>	<b>Comunicação e Resolução de Problemas</b>
<b>FACES</b>	Coesão	0,536*	0,506**	0,297**
	Flexibilidade	0,490**	0,454**	0,357**
	Desmembrada	-0,213**	-0,202**	-0,141 <sup>NS</sup>
	Emaranhada	-0,052 <sup>NS</sup>	-0,063 <sup>NS</sup>	-0,163*
	Rígida	0,210**	0,162*	0,089 <sup>NS</sup>
	Caótica	-0,221**	-0,236**	-0,222**
	Comunicação	0,632**	0,595**	0,464**
	Satisfação	0,558**	0,529**	0,508**

*Nota.* N = amostra total; n = nº de participantes; M = Média; DP = Desvio Padrão; FACES-IV = Escala de Avaliação da Adaptabilidade e da Coesão Familiar versão IV; WFRQ = Questionário de Resiliência Familiar de Walsh; \* p < 0,05; \*\* p < 0,01; \*\*\*p < 0,001; <sup>NS</sup> = Não significativo